

Anderson Luiz Tedesco
Jaqueline Giachini | Marizela Silvana Ramon

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Indagações
sobre a *Práxis*
Pedagógica



T256 Tedesco, Anderson Luiz.
Educação e tecnologia : indagações sobre a práxis pedagógica /
Anderson Luiz Tedesco, Jaqueline Giachini e Marizela Silvana
Ramon. — Curitiba : Bagai, 2020.
107 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-87204-02-4

1. Educação – Efeitos das inovações tecnológicas.
2. Professores – Formação. 3. Educação de base – Brasil. 4. Prática
de ensino. I. Giachini, Jaqueline. II. Ramon, Marizela Silvana.
III. Título.

CDD 371.334

<https://doi.org/10.37008/BAGAI/978-65-87204-02-4.13.7.20>

1.^a Edição - Copyright© 2020 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

Editor-Chefe Cleber Bianchessi

Revisão André Luiz Cavanha

Projeto Gráfico Giuliano Ferraz

Imagem da Capa Freepik

Conselho Editorial Dr. Adilson Tadeu Basquerote - UNIDAVI
Dr. Ademir A Pinhelli Mendes – UNINTER
Dra. Camila Cunico – UFP
Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC
Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC
Dra. Larissa Warnavin – UNINTER
Dr. Marciel Lohmann – UEL
Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR
Dr. Marcos Pereira dos Santos – UEPG
Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO
Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED
Dr. Tiago Eurico de Lacerda – UTFPR

Anderson Luiz Tedesco
Jaqueline Giachini
Marizela Silvana Ramon

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA
INDAGAÇÕES SOBRE A *PRÁXIS* PEDAGÓGICA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
---------------------------	---

Prof. Dr. Tarcísio Alfonso Wickert

PREFÁCIO	11
-----------------------	----

Dr. Roque Strieder

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

1

EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E A COMPLEXIDADE DO USO DAS TECNOLOGIAS	21
--	----

1.1 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESAFIO TECNOLÓGICO	36
1.2 TECNOLOGIA TORNA A EDUCAÇÃO DESEJANTE	41

2

CONTEXTOS EDUCATIVOS E PRÁXIS PEDAGÓGICAS	47
--	----

2.1 ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA: DOIS CONTEXTOS EDUCATIVOS DESEJANTES	54
2.2 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA O USO DAS NTIC'S	67

3

FORMAÇÃO CONTINUADA: PERSPECTIVAS DE REFLEXÕES E INDAGAÇÕES EM DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS	74
---	----

3.1 A FORMAÇÃO HUMANA E A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO	79
3.2 ABERTURAS NA APRENDIZAGEM COM O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS	85

3.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES
NO USO DE DIVERSOS RECURSOS TECNOLÓGICOS 90

4

CONSIDERAÇÕES FINAIS 98

REFERÊNCIAS 100

APRESENTAÇÃO

Com a aproximação daquilo que a maioria dos ocidentais resolveu chamar de segundo milênio, e entre inúmeros planos para a sua celebração, observamos os espantosos avanços da ciência, da medicina, da tecnologia, o acesso a informações e ao conhecimento – e também guerras, miséria, fome, corrupção política e religiosa, tumultos, deterioração do meio ambiente, terrorismo e uma grande tristeza mesmo entre pessoas abastadas. Durante séculos, olhamos para fora, para os especialistas que acumularam e manipularam informações incrivelmente complexas, para os consultores, terapeutas, “educadores” e líderes religiosos, com a esperança de que eles resolvessem as nossas violentas revoltas pessoais e sociais. Entretanto, problemas fundamentais como medo, conflitos, relacionamentos e falta de sentido na vida ainda permanecem (KRISHNAMURTI, 2000, p. 7).

Os processos educacionais de ensino-aprendizagem são dinâmicos e múltiplos, são verdadeiras aberturas intelectuais e da alma humana. Esse atributo cabe essencialmente aos professores e professoras, pois são eles(as) que iniciam a nossa jornada humana como protagonistas do mundo e da vida. Tudo na nossa vida pode ser importante e valioso, mas nada é mais fundamental e imprescindível como um professor(a). Desejar e ser desejado é fundamental para desenvolver boas energias e vibrações positivas na interatividade de ensino-aprendizagem. Ensinar é aprender, aprender é interiorizar experiências e vivências de vida. Viver é fortalecer nossas memórias, é tornar vivo a própria existência e os desejos pela curiosidade do apreender. Apreender para desvelar ao mundo

a possibilidade e as necessidades do encontro estético do ser humano consigo mesmo. Entender que nossas subjetividades jamais podem ser anuladas e atropeladas por pedagogias autoritárias e sectaristas, pois tornaria a educação escolar a maior protagonista dos fascismos e nazismos já reinantes em muitos lugares no Brasil.

Isso parece ironia, mas a categoria mais desvalorizada no Brasil que é a dos professores é a que mais se preocupa com um país mais humano e mais qualificado do ponto de vista dos conhecimentos. Desde o ensino básico, médio e superior, são sempre os professores e professoras que ficam com os cabelos em pé, estressados e doentes pelo excesso de trabalho e pelas más condições de trabalho impostos a categoria. Salários baixos e excesso de trabalho, dois fatores que legislam não apenas contra os profissionais do ensino, mas essencialmente contra o bem-estar e a paz de uma sociedade. Nesse sentido, que os autores deste livro demonstram sua preocupação com a pesquisa, fonte de saberes e conhecimentos novos e inovadores. Esta obra se originou como pesquisa de iniciação científica no Curso de Pedagogia da Celer Faculdades no ano de 2018, agora na condição de livro, vem trazer indagações e possíveis contribuições e reflexões a respeito do uso das tecnologias nas séries iniciais da educação básica. Professoras, formadas em pedagogia, apresentam suas preocupações referente ao uso das tecnologias para aprimorar e facilitar o ensino-aprendizagem das séries iniciais na perspectiva de uma sociedade mais humana. A questão é a seguinte: como podemos usar as tecnologias no ensino aprendizagem para que as nossas crianças, jovens e adultos possam ser mais humanizados a partir do uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula? Ciências e tecnologias inovadoras, humanos mais criativos e perceptivos? Essas e outras questões são abordadas e analisados ao longo da obra, porém a complexidade da temática não permite ser exaurido numa publicação, por isso talvez não seja possível.

Os autores do livro colocam como premissa essencial do humanizar uma ruptura radical com os preconceitos, com os didatismos e com metodologias de uma educação bancária.

A presente publicação que vem a todos nós, educadores de modo em geral divide-se em três etapas, cada qual se dedica a uma temática, envolvendo metodologias e práticas de ensino, tecnologias e “artefatos da ciência” sendo seu uso recomendado para tornar mais humano as práticas de ensino para tornar-se um humano mais humano, ou como diria Nietzsche “torna te quem tu és”. Não vou fazer uma reprodução dos capítulos aqui, mas apenas quero me dedicar a fazer uma pequena reflexão sobre a obra em geral, suas buscas e desejos por uma sociedade melhor, mais digna e humana. O que perpassa a obra toda é o papel do professor e o uso adequado das ferramentas produzidas pelas ciências tecnológicas, denominadas de tecnologias. Quero trazer uma pequena leitura comparativa entre o Deus Demiurgo e o professor, pois Demiurgo é um Deus que coloca forma na matéria dispersa e sem forma, colocar um formato, um modelo, organizar aquilo que está sem organização. Imprimir uma forma, significa criar uma unidade formal, dar sintonia entre as partes de um corpo organizado. É uma matéria que recebe uma determinada forma, sempre conforme suas capacidades de receber uma forma. Ao receber uma forma, também recebe atributos de forças e nome. É fundamental entender que o professor(a) é um ser humano que organiza mentes e saberes na territorialidade da corporalidade de cada estudante. O processo cognitivo é um movimento que dá forma e entendimento ao mundo e as experiências de cada criança-adolescente-jovem e adultos no processo de ensino-aprendizagem. São esses humanos de carne e osso que formam as mentes e os corações desses seres humanos, num constante construir-se constituindo-se como humanos. É a inteligência emocional que percebe-se na individualidade de cada ser humano na medida que constrói seus valores e princípios individuais e coletivos. A formação

desses sujeitos, denominados de professores(as), deve ser constante, contínua. Nesse sentido que somos movimento, em formação continuada, sem fim temporal. Isso quer dizer, preparar-se bem, fundamentalmente na formação inicial que se inicia nas séries iniciais, que recebe legitimidade no ensino superior, habilitando-os para ministério do Ensino. Estar na função de professor e professora, é estar num lugar sagrado, que merece todo o respeito e destaque na cultura do tecido social. Por isso que **pré-parar** exige uma parada, um tempo necessário para alimentar a mente e o espírito com a mais importante seiva da sociedade: o conhecimento livre e crítico. **Pré-parar** implica reflexão, organização cognitiva e emocional para o exercício mais sagrado na constituição da tessitura social e humano. **Pré-parar** para humanização, exercitar-se para a vida, para o reconhecimento e o respeito aos outros em suas capacidades e modos de serem diferentes. Estar preparado é estar bem alimentado dos saberes e conhecimentos das ciências e entendimentos da vida, dos seus contextos e interações. Assim seremos fontes e instrumentos para o ensino-aprendizagem de nossos educandos.

O material de muitas reflexões mostra o grande êxito e empenho da orientação do professor Dr. Anderson Tedesco, nesse projeto de pesquisa. A eles nossos mais sinceros agradecimentos, pois é papel de todos nós a luta por uma sociedade mais humanizada.

Prof. Dr. Tarcísio Alfonso Wickert

Professor de filosofia dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Regional de Blumenau. Também atua como professor voluntário do Programa de Desenvolvimento Regional na FURB. Membro do Grupo de Pesquisa: Ethos, Alteridade e Desenvolvimento da Universidade Regional de Blumenau. E-mail: wickert2019@outlook.com

PREFÁCIO

[...] a função do/a professor/a competente não só não está ameaçada, mas aumenta em importância. Seu novo papel já não será o da transmissão de saberes supostamente prontos, mas o de mentores e instigadores ativos de uma nova, dinâmica de pesquisa-aprendizagem (ASSMANN, 2005, p. 14).

Esta é uma produção coletiva, cuja finalidade maior é fundamentar reflexões sobre uma situação pedagógica corriqueira no dia-a-dia das escolas: o uso de tecnologias – particularmente, as digitais – com a finalidade de fazer com que as aulas nas escolas sejam mais desejantes e que o educando se sinta acolhido em seus espaços educativos. Nesse sentir-se acolhido, transcorre, no texto todo, além do desafio de investigar possibilidades de práticas didáticas usando as TICs como processo de ensino aprendizagem, a dinamização dessas atividades com teor humanizante, como um guia de encontro entre pessoas.

Para ser acolhido (não colhido, não ceifado, não destruído e não despedaçado) e sentir-se gente, ser reconhecido potencialmente como participativo e criativo e, enquanto em aprendizagem, várias concepções ditas tradicionais precisam ser superadas. Já não se pode persistir no ensino como mera transmissão de conhecimentos considerando estudantes, seres humanos, como receptores passivos e processadores computadorizados, cujo comportamento inteligente pressupõe a habilidade de representar o mundo. Para o cognitivismo, além da captação de características de um mundo externo, importa o armazenamento das representações para uma posterior devolução. Considera-se o ato da cognição,

da aprendizagem como um processo computacional, uma operação lógica realizada com o uso de símbolos.

Aprendizagem como uma estocagem na memória, ocorre no universo do domínio racional e, como tal, obriga a todos a orientarem seus modos de fazer com base na racionalidade, sem espaço para o multiverso das emoções. Trata-se de uma perspectiva idealista pela qual o acesso ao mundo externo, como uma realidade existente em si, se dá por meio de representações. Por isso, insistimos aqui num pressuposto maior que acompanha o texto, qual seja o de entender que não existe qualquer possibilidade de saída desse paradigma representacionista se mantivermos a convicção de que existe um mundo externo independentemente da presença de um ser humano. Um ser humano observador, cuja potencialidade de observar emerge de suas características biológicas, de seus valores culturais e de uma ontologia singular.

Então, é importante ler nas páginas que se seguem uma espécie de convite para uma diferente concepção de mundo, de ser humano e de aprendizagem. Se não houver a predisposição para essas mudanças de concepções, não seremos capazes de entender o potencial de aprendizagem que pode advir das parcerias com tecnologias digitais. Continuaremos reféns professos de que todo e qualquer equipamento tecnológico serve e se limita a ampliar o alcance dos nossos órgãos de sentido. Óbvio que o texto não é uma exaltação à tecnologia cuja objetividade por si só seria capaz de melhorar a aprendizagem. Nem é também um louvor à fobia tecnológica. O esforço do texto é contribuir para a melhoria compreensiva do potencial de aprendizagem possível nos domínios da dinâmica parceria entre seres humanos – alunos/estudantes – e produtos da tecnociência.

Assim, é salutar reconhecer que, gradativamente, na atualidade contemporânea, começamos a entender que não há mais como separar o viver do aprender, uma vez que ambos se

desenvolvem como processos unificados. Para o ser humano, não aprender significa não poder sobreviver. Isso é verdade no plano da convivialidade social, que atingiu um nível de trocas simbólicas e informativas sumamente intensas, compactadas e multiformes. A evolução dos seres humanos, como aprendentes, está numa diferente fase evolutiva, e eles, estão literalmente imersos em sistemas aprendentes de avançada tecnologia. Doravante uma parte das aprendizagens humanas passa a ser coestruturada pela interação com a tecnociência, uma espécie de inteligência coletiva (LEVY, 2005). Um potencial coletivo criado por nós seres humanos a partir das formas de organização da sociedade, da cultura, da economia e das relações de convivialidade cotidiana. Tudo isso está profundamente imbricado com as novas tecnologias da informação e da comunicação, as TIC. A relação pedagógica escolar já não ocorre exclusivamente num mundo “natural”, mas num contexto evolutivo no qual os artefatos do engenho humano possibilitam a recriação e a mutabilidade das próprias relações sociais, condicionando o ser humano a um processo de aprendizagem permanente, profundamente, distinto dos tradicionais rituais de iniciação. Dessa forma, na atualidade, parece urgente, sobretudo do ponto de vista humano e social uma redefinição do processo de aprendizagem, não mais como mecanismo de memorização, mas efetivamente enraizada na identidade básica entre processos vitais – vivências – e processos cognitivos – aprender é viver.

Quando os autores apostam no acolhimento dos estudantes, em contextos de práticas pedagógicas humanizantes, eles também alimentam o desejo de, não somente ensinar, mas fazer acontecer uma sociedade capaz de liberdade e justiça. Os autores apostam que as possibilidades da tecnociência e sua trama de conexões e interconexões, torne coisa do passado a existência de entraves burocráticos e a histórica privação de informações e de sabedoria para grandes parcelas da população. Embora, deva-se reconhecer que as TIC também podem ser

utilizadas para controlar e fichar mais comodamente, punir e vigiar o livre pensar, invadir a privacidade (Big Brother), perseguir sabiamente e torturar cientificamente, ainda assim, e é essa a aposta dos autores, podemos utilizar as TIC para dinamizar a criatividade e viabilizar salas de aula e sociedades mais abertas, porque participativas. O domínio escolar, como espaço especial do “viver é aprender” será um portal de oportunidades, se capaz de socializar seus benefícios a cada um e a todos os seres humanos. Oxalá se realize com certa urgência o sonho dos autores: potencializar as TICs como admiráveis recursos de contato e relacionamento humano, pois, nesse bojo podem residir chances inéditas de ampliação efetiva da acolhida e da humanização.

Dr. Roque Strieder

*Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação
da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).*

INTRODUÇÃO

O mundo da vida contemporânea está entrelaçado com o mundo das novas e avançadas tecnologias. Isso tem a ver diretamente com a nossa vida, especialmente com a vida das aprendizagens e da produção dos conhecimentos. Nesse sentido torna-se temática central dos debates escolares, universidades, espaços públicos e privados. Destaca-se nesse texto o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) no meio escolar, como uma fonte fundamental do conhecimento, atribuindo aos professores como os primeiros responsáveis a inovar e utilizar os recursos tecnológicos disponíveis para se ter uma aula desejante, construtiva e que renda “bons frutos”. Nessa perspectiva, os paradigmas e as práxis educacionais são diversos sobre o uso das tecnologias e precisam passar pelo crivo da reflexão e da discussão, indicativos esses que impulsionaram a origem da presente obra.

A escola é atribuída a responsabilidade da criatividade e da inovação, superar a educação bancária, numa perspectiva de formação para humanos e entre humanos, incentivando e motivando os profissionais da educação, em especial, os professores ao uso das tecnologias como um aporte criativo para as aulas das séries iniciais. Por isso, a inquietude dessa obra se constitui no pensar os desafios e as perspectivas do uso das tecnologias educacionais em sala de aula nas séries iniciais, como fazer do ambiente escolar um local desejante, como os docentes pensam em usar as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Esta obra se propõe a refletir sobre o: uso de ferramentas tecnológicas por professores nas séries iniciais, suas interações com a aprendizagem e com a formação mais humana.

Para iniciarmos uma reflexão a partir de tais questionamentos, uma das alternativas se encontra em novas políticas de formação docente que deve ter como premissa fundamental (re)pensar os processos de ensino e aprendizagem com seus educandos, preparando-os para enfrentarem salutarmente os contextos sociais, políticos, circundantes da sociedade que os cercam. Esse professor-formador é instrumento para despertar nos educandos a curiosidade e interesses aos temas e problemáticas do seu cotidiano, aproveitando as experiências da realidade para trabalhar de forma transdisciplinar os conteúdos em sala de aula e usar as tecnologias para pesquisar. São muitos os recursos e tecnologias à disposição: e-books, internet com informações em massa, computadores, retroprojetores, mas muitas vezes faltam estratégias para que essas tecnologias sejam vinculadas aos processos de ensino-aprendizagem e a própria formação docente.

As novas práticas pedagógicas que incluem as tecnologias para aprender e ensinar relacionam-se com tecnologias que potencializam o ensino, com elas criam-se novas possibilidades de aprendizagem, pois entende-se que cada educando aprende de uma maneira diferente e as tecnologias auxiliam na abertura de caminhos diversos na educação para melhorar os laços de convivência dos aprendentes.

O ensino nos espaços escolares deve estar cada vez mais ligado aos espaços formativos para melhor pensar a complexidade do ser humano, aprender para a vida, para o viver com qualidade, ter qualificação nos trabalhos a serviço da vida. Transformar e aperfeiçoar as gerações. Ampliar as experiências no âmbito escolar com projetos e vivências, reconhecer identidades no meio que vivem, formação de opiniões, ser crítico e ponderado emocionalmente. A melhor tecnologia que o ser humano tem é o próprio conhecimento, pois auxilia em todos os momentos, a natureza e seus componentes são tecnologias criadas como instrumentos de sobrevivência.

Sabemos que os mecanismos tecnológicos tanto da cibernética quanto as biotecnologias avançam em alta velocidade de tal modo que o automatismo anula e mata as subjetividades humanas, subjugando seus desejos e emoções às ferramentas dos artefatos da ciência, denominado de tecnologia. Isso exige uma atenção especial dos educadores escolares para que as ferramentas tecnológicas sejam sempre um meio, mas jamais um fim nelas mesma. Nesse sentido, unir ensino-aprendizagem com as ferramentas tecnológicas numa perspectiva da dinamicidade, pode auxiliar na aproximação de pessoas para vivências mais humanas e menos individualistas. Portanto ensinar o uso profundo e consciente dos meios tecnológicos, é um aporte alavancador para uma aprendizagem mais lúdica e atrativa. As tecnologias devem se aprimorar, evoluir e contribuir com os modos de viveres das pessoas, ser acessível, mas devem avançar como humanidade, a essência, os sentimentos, a natureza, a subjetividade usar tecnologia para unir as pessoas, para o viver em comunidade.

Por outro lado, quando não se usam as tecnologias ou não se refletem a respeito delas coloca-se em risco o próprio processo do ensino – aprendizagem dos estudantes, porque não se permite criar condições para novos mergulhos investigativos. Do contrário, quando os educandos tiveram estímulos a esse tipo de sensibilidade e consciência tecnológica gera um prazer pelos processos investigativos, aguçam a vontade de aprender com o uso da internet como ferramenta de auxílio e a aproximação do contexto da vida do próprio aprendente, sabe-se que alguns educadores precisam repensar o modo como usam as novas tecnologias para que elas contribuam nos processos didáticos e não sejam pretextos para que os seu uso cause negação do ensinar nos contextos escolares.

Acerca do estudo do uso das tecnologias na formação humana nas séries iniciais busca-se refletir com problemáticas aos quais auxiliem sendo que os professores utilizem os

recursos em sala de aula para que seja um espaço cativante, contribuir na formação dos educandos e valorizar as iniciativas, descobertas da busca pelo conhecimento.

A literatura apresenta evidências que tratam da educação e das mídias tecnológicas como um assunto aberto e complexo, porém essa reflexão se propõe a curiosar (*estimular, fomentar, despertar*) as novas formas do uso da tecnologia nas séries iniciais, como contribuição para a construção de contextos educativos mais humanizantes e aulas que despertem o interesse e a criticidade dos estudantes.

No que diz respeito ao objetivo geral enfatiza-se: I) Investigar o não uso dos recursos tecnológicos pelos professores na formação humana nas séries iniciais, visando esse desafio se tem três questões de pesquisa: a) Como é o uso dos recursos tecnológicos na formação humana nas séries iniciais? b) Quais são os desafios no uso dos recursos tecnológicos na formação humana nas séries iniciais? c) Como ocorre a convivência humana em contextos educativos desejanter com a inclusão das tecnologias?

Em nossos procedimentos metodológicos, a característica principal será de natureza qualitativa, se fundamentará na revisão bibliográfica e na pesquisa de campo. Sabe-se que o aspecto qualitativo de uma pesquisa orienta todos os passos da interpretação e análise dos conceitos filosóficos e das relações que se estabelecem com o fenômeno humano. Também entendemos que a pesquisa qualitativa na área da educação, consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações [...]” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Neste nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou

interpretar, os fenômenos em termos de significados que as pessoas e eles conferem.

Entendemos, por isso, que no campo da educação, com seus múltiplos fenômenos, a pesquisa de natureza qualitativa tem maiores condições de auxiliar na produção de conhecimentos válidos e pertinentes, que auxiliem na compreensão dos processos formativos e na proposição de novos modos do fazer pedagógico. A revisão bibliográfica, ou de literatura, consiste numa revisão “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2014, p. 50). Em nossa pesquisa, essa revisão centrar-se-á em obras (artigos, livros e coletâneas) dos principais autores e especialistas no tema abordado. Tendo em vista a pesquisa de campo que busca interagir com a realidade dos alunos, compreende e descobre a história e a forma de pensamento dos seres humanos durante o processo histórico, dessa forma discute-se contextos dialogando entre os autores e os relatos cotidianos de professores e alunos, estar em constante pensamento e em busca de estratégias para assimilar as tarefas para que sejam melhor compreendidas.

Então, para atender ao propósito da reflexão o texto foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, tratou-se de pensar nos desafios que existem entre a educação humanizadora e as tecnologias. Já no segundo capítulo, a reflexão foi constituída a partir dos contextos educativos e dos fundamentos das práxis pedagógicas no uso das tecnologias. Por fim, o terceiro capítulo foi constituído com base na coleta de dados da pesquisa de campo, por meio das entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas com os professores das duas escolas. Além disso, um questionário também foi realizado com alunos e os referidos resultados obtidos dos questionários, encontra-se relatado e analisado no desenvolvimento desta obra, é importante registrar que nessa análise também foi utilizado para coleta de dados a

aplicação de questionário com as turmas pesquisadas. Disso resultaram três categorias para uma conversa reflexiva com o leitor sobre formação humana, recursos tecnológicos e formação continuada.

Que todos(as) se sintam acolhidos e abraçados por nós na partilha desses escritos e em nossas vidas. Caminhemos juntos(as) para a construção de caminhos educativos mais humanos.

EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E A COMPLEXIDADE DO USO DAS TECNOLOGIAS

A educação se apresenta de certa forma como excludente e não integrante, não desejante, não acolhedora, em alguns locais as tecnologias e os métodos das aulas continuam iguais, há casos dos alunos com necessidades especiais, muitas vezes eles estão ‘inseridos’ no contexto escolar, mas se não tiver o professor como educador para passar as atividades será somente uma inclusão física, pois não contribui em nada para sua formação, da mesma forma o uso da lousa digital, de que adianta esse tipo de recurso tecnológico se a metodologia aplicada continuará igual à do quadro de giz. Pois já citava Assmann (2012, p. 29) que “reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem.”

A triste realidade é que se lida com escolas do século 19 sem nenhum avanço, professores do século 20 muitas vezes sem incentivo de buscar aperfeiçoamento ou cursos de capacitação e alunos do século 21 bombardeados de informações da mídia e redes sociais as quais precisam ser moldados e interpretados para que se tornem conhecimento. A escola que todos sonham é aquela que consegue integrar todas as culturas, etnias, credos e orientações sexuais em um ambiente só, que demonstre carinho e afeto a todos sem nenhuma distinção. Uma escola humanizadora sem nenhuma dúvida é aquela que consegue tirar de seus educandos tudo o que for benéfico assim

integra-os uns aos outros. Pensar em uma escola acolhedora, essa é a ideia de uma educação humanizadora:

Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida? (ALVES, 1994, p. 13-14).

As escolas assim como todos os ensinamentos nela ministrados devem ser para uma educação humanizada, buscar a realidade dos educandos é trabalhar com sentimentos, pois segundo Strieder (2002, p. 13) “humanizar requer manter acesa a chama da vivência criativa, regada pela afetividade, pela sensibilidade, pelo riso, pelas lágrimas, pelo fervor da participação, pelas luzes do respeito e pelo desejo de cultivar, no jardim da vida, a vivência da beleza”.

A pedagogia afetiva ou humanizadora estabelece relação de afetividade, acolhimento e cumplicidade na relação aluno e professor. Deve ocorrer uma troca de experiência afetiva imprescindível. O professor/educador deve se sentir responsável pelos seus educandos, dessa forma inicia um laço de familiaridade dentro da sala de aula, assim se criam condições que possibilitam trabalhar com seus alunos, cria-se um papel de facilitador de aprendizagem. Dessa maneira, prioriza as relações de respeito e reciprocidade. Para Strieder (2002, p. 201), “a educação efetivamente comprometida com o salvamento das vidas de todas as gentes tem que responsabilizar-se pela recriação dos ambientes educacionais”.

Deve-se incluir em uma escola humanizadora a recreação educacional, pois é uma prática prazerosa e instigante para o docente ao encontrar-se na sala de aula. Uma ferramenta ‘simples’ com resultados fascinantes e com um processo de socialização instigador. Pois o processo se inicia na escola

juntamente com a sociedade integra-se práticas para que possam ser utilizadas no dia-a-dia da criança:

Na escola, pelos conhecimentos e pelo desenvolvimento das competências cognitivas, torna-se possível analisar e criticar a informação. Os alunos vão aprendendo a buscar a informação (na TV, no rádio, no jornal, no livro didático, nos vídeos, no computador, etc.) mas, também, os instrumentos conceituais para analisarem essa informação criticamente e darem-lhe um significado pessoal e social. A escola fará, assim, a síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experienciada. Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para a busca da informação, mas também para a criação da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação, antes de produzi-la, considerando se o aluno sujeito do seu próprio conhecimento. (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

O processo de humanização está relacionado com o interior de cada um, da busca por ser uma pessoa melhor, em que há um clima harmonioso, capaz de despertar sentimentos inesperados. As questões culturais envolvem a aceitação e o respeito nas demais que o cercam implicam também como fator para uma educação de melhor compreensão. A emoção é fator de resistência a qual deve ser compreendida e interpretada pelo docente para que assim possa ser um 'auxílio' no aprendizado.

Uma relação humanizada em que os indivíduos não precisam estar de acordo com tudo, mas sim respeitar os pensamentos e falácias de seus colegas. Dessa maneira, por que não integrar esse processo de humanização nas escolas? Não seria mais fácil e agradável para os alunos fazer parte de uma escola acolhedora, que trate todos com igualdade sem distinção, de cor, credos e orientações sexuais ou etnia? De acordo

com Strieder (2002, p. 242), “crescem os alunos aprendendo e vivendo o individualismo e a não necessidade de estabelecer correlações com as demais disciplinas, como também de não ver a necessidade do outro para que ele seja o que é.”

A emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor. Relações humanas que não estão fundadas no amor — eu digo — não são relações sociais. Portanto, nem todas as relações humanas são sociais, tampouco o são todas as comunidades humanas, porque nem todas se fundam na operacionalidade da aceitação mútua. (MATURANA, 2002, p. 26).

Educadores precisam ter habilidade em despertar a vontade e a necessidade de seus educandos de aprender. Precisam transformar o aluno a ser um instigador, um descobridor e desbravador dos valores de seus conhecimentos. Que a cada descoberta vire uma maneira de transformá-las em novas ideias e opiniões, pois, desse modo, forma-se um ser crítico.

É difícil educar para a aceitação e o respeito de si mesmo, que leva à aceitação e ao respeito pelo outro, assim como à seriedade no fazer? Não, só que isto requer que o professor ou a professora saiba como interagir com os meninos e meninas num processo que não os negue ou castigue, seja pela forma como eles aparecem na relação, seja porque não aparecem como as exigências culturais dizem que deve ser. Esse professor ou professora pode fazê-lo porque, eles também, respeitam a si mesmo e ao outro. (MATURANA, 2002, p. 32).

A sociedade tem ligação direta nas informações veiculadas em televisão, jornal, rede social com isso é um meio que os educandos captam as notícias sem averiguar ao certo

a veracidade, por isso a tamanha importância da escola e do professor. Temos como exemplo o jogo Baleia Azul, que acontece pelas redes sociais em que são lançadas tarefas aos participantes e no final leva à morte, que está tão comentado nos últimos tempos, muitas vezes quem entra nesse jogo e acredita ser real as ameaças, falta um pouco de instrução, de apoio, às vezes por influência de amigos as ditas ‘modinhas’ que os jovens dizem ser seguidas, com auxílio de um adulto, o professor instruir, quem sabe esse ser crítico não se deixe levar por notícias falsas.

A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. (SAVIANI, 1999, p. 18).

Instigar os educandos a curiosidade, a aguçar novas leituras e sua capacidade de dominar algumas áreas do conhecimento. Dessa forma, consegue-se solucionar alguns problemas simples do cotidiano fora ou dentro da sala de aula. Trazer a realidade para a sala de aula, falar de suas vivências, pois, desse modo, trabalha-se uma educação humanizada, trabalha com sentimentos, que é tão difícil de ver nas escolas, mas com tantas formas, metodologias e habilidades para auxiliar os professores. A bagagem dos alunos muitas vezes é maior do que imaginamos, por isso deve-se investigar e coletar vestígios que possam servir de auxílio nos conteúdos, pois se o aluno já sabe algo sobre o conteúdo comentado, certamente isto facilita

sua aprendizagem e contribui na aula. Dessa maneira, estabelece-se mais diálogo entre o aluno-professor e vice-versa.

Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada... (ALVES, 1994, p. 10).

Quebrar o paradigma da transmissão do conhecimento, pois a escola não é um banco em que se deposita informações prontas e acabadas, passadas de forma friamente. Deve-se pensar em ensinar com os sentimentos, de que maneira você vai formar o aluno para que seja um adulto consciente de seus atos. A sociedade que a cerca influencia muito no modo de ser e suas ações, cabe ao professor auxiliar no recebimento das informações para que possam ser mais bem interpretadas. Moldar as informações, orientar para seguir a direção correta, sempre destinar da melhor maneira para que os alunos possam seguir o caminho do bem e saibam fazer suas escolhas de forma correta e justa.

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenececer, em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele submetido pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancaísmo”. (FREIRE, 1996, p. 13).

Uma escola humanizadora, vai além de todos os critérios para alcançar uma educação de qualidade e afetiva, é muito mais harmoniosa e acolhedora. É permitir deixar seus alunos se aventurar em um mundo só deles, com descobertas e surpresas, deixá-los ousar, ultrapassar, assim descobre-se novas fronteiras. Dessa maneira, o aluno terá grandes oportunidades de ser o que ele deseja, não o que a sociedade impõe para ele.

A educação parece ter como parte de seus objetivos despertar em cada indivíduo a capacidade de perceber a multidimensionalidade implícita nas relações humanas, no ambiente natural e no Universo e, especialmente na relação entre ambos. A escola se constitui em um espaço para o desenvolvimento de aprendizes que visem à ampliação de uma visão de mundo baseada na preservação e continuidade da vida permitindo a implementação de processos que viabilizem o despertar de uma consciência que valorize o ser humano na sua essência. E, ainda, provocar o fomento da consciência humana no que se refere a rever sua escala de valores, na medida em que o ser humano, na maioria das vezes, inibe seu potencial e a ampliação de sua mente em prol das idéias espalhadas pela mídia que incentivam o consumo, o ter, o fazer, o descartável. (MACIEL, 2009, p. 4).

O respeito, solidariedade, compreensão são alguns dos saberes e valores que devem estar incluídos na convivência escolar, uma escola acolhedora com uma base bem estruturada, que reconheça as qualidades e também dificuldades dos seus alunos, o ato de perceber a maneira de pensar e agir do outro traz resultados positivos, obtendo, dessa forma, uma melhora no desenvolvimento de seus estudantes. Segundo Strieder (2000, p. 234),

[...] a educação não pode perpetuar a construção de verdades, com base na negação dos outros, sempre fonte geradora de ódios. Sejamos então o caldeirão do caminho da liberdade albergado na criação, operando no amor e energizando o prazer pela vida.

Há escolas que não estão preparadas para atender alunos do século XXI, pois a escola está ainda no método do século XIX, há uma grande dificuldade de acompanhar as novidades diárias, que seus alunos estão habituados. As escolas estão rodeadas de informações e conhecimento, maioria não consegue dar conta de como mediar para seus educandos, esses conceitos aguçam a curiosidade, despertam o encanto de uma poesia ou poema, que valorize a arte, problematize a matemática de uma maneira simples que cativa a atenção e a admiração dos alunos. Dessa forma, a escola possivelmente tem condições de tornar o lugar mais agradável, com momentos únicos e instigadores, de aventurar-se, contar sua própria história sem medo de ser recriminado, falar de suas vivências e de seus sonhos. A escola humanizante visa, dessa maneira, que seja feito de uma forma educativa ao mesmo tempo, que tudo o que foi falado vire aprendido, que nada seja à toa.

Segundo Assmann (2012, p. 29), “o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos.” A escola tem um grande vínculo com a sociedade, isso não temos nenhuma dúvida, uma das grandes dificuldades é como conseguir acolher os educandos, fazê-los superar seus medos, seus anseios, suas angústias, seus desejos, muitas vezes os professores com a imensidão de alunos ao seu redor, não enxergam, mas é fundamental e humanizador constituir essa visão de que o professor deve possuir em sala, muitas vezes o aluno está com problemas pessoais, justifica o motivo da nota baixa.

A escola se responsabiliza diante de um mercado de trabalho competitivo a formar profissionais competentes, formar mão de obra para o mercado de trabalho. As tecnologias estão de fácil acesso, hoje em dia, os alunos mudaram o pensamento e a forma de aprender usando-as, mas falta o professor rever o seu modo de ensinar. Quando se fala e pensa na formação, promove-se a transformação, crítica e criativa. É nesse processo de formação que não se deve admitir falhas de ensino, pois é a fase em que o aluno alinha as informações e conhecimentos adquiridos. Por isso os professores devem tomar cuidados e estar em constante atualização e estudo.

Talvez valha a pena tentar a mesma estratégia, que hoje oculta violentamente a perspectiva solidária e expõe em forma de crença o princípio do conflito e do egoísmo. No lugar da eterna ostentação de que somos adversários, toda vez que precisamos comparecer a pontos de encontro, cabe iniciar processos de convivência efetiva que conjugue a face das adversidades com as também existentes faces da colaboração solidária. (STRIEDER, 2002, p. 193).

Reflete-se sobre o mundo atual, assim é possível analisar o quão difícil está para as crianças desejarem ir à escola, pois a escola passou a ser um lugar não desejante, por isso, a urgência no pensar em novas metodologias ou caminhos de ensino e aprendizagem. Quem sabe esse mergulho nos processos educativos com a inclusão das tecnologias, seja a possibilidade que os cative. Implantar-se o uso das tecnologias pode-se comparar aos jogos e lançar desafios no computador para que se vá em busca de respostas, o professor passa respostas prontas e não instiga o conhecimento do aluno, instiga-se os alunos a ir em busca de aprofundar sobre determinado assunto para formar assim o seu pensamento. Desse modo, será um ser crítico e construirá sua personalidade.

Compreende-se, que para persistir no rumo de uma qualidade social na Educação, as reflexões dos autores, tendência à uma perspectiva extra-escolar e intra-escolar, pressupondo necessariamente de políticas democráticas que priorizem não só os aspectos físicos da infraestrutura das escolas, mas que mobilizem a participação da sociedade na vida escolar, contemplando as ações de qualidade social que já existem e, sobretudo, contribuindo na formação pedagógica em conjunto com os “trabalhadores da educação” e não os culpabilizando-os. (TEDESCO; REBELATTO, 2012 p. 8).

Cada aluno chega à escola com uma cultura e identidade própria, o professor como mediador deve moldar e auxiliar para que cada educando construa o seu ser crítico e traços sociais em que possa se destacar e saber sobreviver nessa sociedade que vivem, ser mais humano e compreender tudo o que o cerca, pensar desta maneira superasse as barreiras que a sociedade constrói. Cada um nasce em uma família diferente a qual segue suas rotinas e culturas, mas todas as famílias têm amor e sentimentos para com o próximo, e a educação humanizadora busca justamente esse sentimento de gratidão e amor entre professores, pai e alunos.

Durante o processo de planejamento das aulas precisa-se refletir sobre a própria condição humana que é oferecida aos profissionais em educação, trabalhar em um contexto gélido de sentimentos e de auto realizações, deixar que o aluno questione, pesquise sobre as dúvidas assim transformará a informação conforme seu entendimento e exponha aos colegas, diversos fatores podem ser trabalhadas em cima de uma simples pesquisa de um educando, a oralidade e postura na hora da apresentação, por exemplo, assim ele se interessa sobre o assunto que sugeriu e iniciou a pesquisa e o professor

com o papel de transformador conclui com o conhecimento científico acerca do assunto.

Especificamente quanto às práticas de formação de professores, a tendência investigativa mais recente e mais forte é a que concebe o ensino como atividade reflexiva. Trata-se de um conceito que perpassa não apenas a formação de professores como também o currículo, o ensino, a metodologia de docência. A idéia é a de que o professor desenvolva a capacidade reflexiva sobre sua própria prática. (LIBÂNEO, 2011, p. 84 – 85).

Pensar em políticas públicas que incentivem e criem cursos de formação para utilização. Busca-se ferramentas simples e adequadas às idades das crianças, estimular a resolver problemas e trabalho em equipe, ter paciência, desenvolver capacidade de ouvir os outros, de receber críticas, o aluno sentirá prazer em estudar e ir em busca pelo novo, assim terá capacidade de autoria, a criança é criativa basta deixar a criatividade fluir, não se deve limitá-la a ler, escrever e memorizar, pois estará “matando” um ser crítico e criativo. O computador é um recurso tecnológico, que cuja eficácia e resultado dependem de quem está por trás, ou seja, o professor deve estar capacitado. Dessa forma, o aluno terá um melhor entendimento e vontade de cada vez mais adquirir conhecimento.

Tornar o ensino significativo é criar pontes entre o novo conhecimento e o conhecimento que os alunos já possuem. Esse é uma tarefa possível e até simples de realizar para o professor que tem domínio e conhece as especificidades de sua disciplina. Uma pergunta bem feita, um fato ou história, uma notícia do jornal, uma reportagem, a natureza, o próprio contexto em que os alunos estão inseridos pode ser o agente estimulador da aprendizagem. A forma como se faz não importa, o que é importa

mesmo é despertar a “sede”, a vontade de aprender. (FONSECA, 2008, p. 29).

A educação é influenciada querendo ou não, com a tecnologia. Basta integrá-la ao meio social, o professor se torna um elo entre educação e tecnologia, esses recursos devem ter um objetivo único, a utilização no processo de ensino nas séries iniciais. É uma tarefa que não acontece do dia para a noite, mas sim, se introduz aos poucos e consegue um resultado positivo tanto para educando como o educador, assim fascina-se o aluno para novas descobertas. E que essas descobertas sejam estradas para o conhecimento e para o viver na diversidade.

Percebe-se o quanto foi e é importante o uso da tecnologia na sala de aula o uso da *TV*, *DVD*, *DATA SHOW* entre outros. Não são esses recursos, a educação humanizadora é muito mais que isso... ela transforma vidas a partir do momento que for internalizado os aspectos formativos... Pode-se agrupar o uso de aparelhos celulares na sala de aula, basta saberem o uso no momento correto e de que modo o utilizar. O uso da calculadora, por exemplo, se utilizada corretamente é benéfica para a aprendizagem no aluno. Muitas são as formas de incrementar a tecnologia na sala de aula, ajuda na hora do trabalho com a pesquisa online, gravações de vídeos, teatros ou até mesmo fotografia, é uma maneira fácil e interessante.

As tecnologias, quando inseridas na área educacional, requer mudança de atitude dos professores. Muitas vezes, provocam uma reviravolta nas atitudes dos mesmos, no seu comportamento, que resistem ao seu uso. Os avanços tecnológicos trazem novas exigências à formação de professores e muitos professores, submissos ao modelo antigo de educação, têm dificuldades em manipular e incorporar os recursos tecnológicos ao processo de ensino e de aprendizagem. (ALTOE; FUGIMOTO, 2009, p. 166).

A tecnologia surge como modo de facilitar a vida e algumas tarefas que são impostas, na área educacional se entende como ferramenta de auxílio nas dificuldades de aprendizagem, sendo como ‘caminho para o conhecimento’, abrindo portas para um futuro promissor e para formar cidadãos mais conscientes e críticos. Dessa maneira, vê-se a grande importância da inclusão na sala de aula para melhor contribuir com as práticas educativas.

A palavra tecnologia é de origem grega: tekne e significa “arte, técnica ou ofício”. Já a palavra logos significa “conjunto de saberes”. Por isso, a palavra define conhecimentos que permitem produzir objetos, modificar o meio em que se vive e estabelecer novas situações para a resolução de problemas vindos da necessidade humana. Enfim, é um conjunto de técnicas, métodos e processos específicos de uma ciência, ofício ou indústria. (RAMOS, 2012, p. 4)

Mudanças, transformações, estar aberto a inovações, falta de formação aos docentes, pois não existem capazes ou incapazes de ensinar com o uso da tecnologia, o professor precisa ser contagiado, pensar que o mundo atual necessita dessa atualização, que as crianças se identificam cada vez mais com as tecnologias pelos benefícios: informação rápida, dinâmica, estímulos e por questões de afetividade e razão.

Um novo conteúdo curricular tem urgência em pervagar todas as atividades pedagógicas e educacionais. É preciso estar aberto para as coisas novas e iniciar-se no mundo da criatividade. O mundo profissional, para além da ótica empregatícia, perfila-se como imposterável no atual contexto de desemprego em massa. (STRIEDER, 2002, p. 271).

O processo é lento e complexo, fatores implicam no meio do caminho como conflito de pensamentos, pois o vir-

tual faz com que tenham uma imaginação fluente, assim cada um construirá uma visão, o professor terá papel de auxiliar na aceitação do olhar do outro e que essa opinião auxilie na construção pessoal, motivar as crianças com a aprovação de suas opiniões para que possa despertar o interesse em querer ir em busca de mais conhecimento. Construir ideias a partir de diversas situações, o ser autônomo e decidir o que pensa ser melhor para si naquele momento, assim como incluir os computadores e aceitá-los da mesma maneira terá construção de ideias dos colegas e inclusão de colegas com deficiência.

A introdução dos computadores na escola iniciou-se pela secretaria para uso de processos burocrático-administrativos, mais tarde obteve-se na biblioteca para controle de empréstimo dos livros, e pensado para a aproximação do aluno, foi se implantado nas salas de informática, mas essas pouco restrita, com horários marcados, os alunos estariam em monitoramento por um professor responsável. Percebe-se o quão difícil é acompanhar a evolução da tecnologia, pois nas escolas deve-se seguir um processo burocrático que depende de superiores para que possa seguir com projetos como o da inclusão das tecnologias.

O mundo dos desejos e o mundo das esperanças encontram sua gênese instituinte, realizante ou frustrante, na simbologia das linguagens e no contexto no qual as concebemos. Sonhos, esperanças e desejos são assim indissolúveis do nosso plano biofísico e social/humano. (STRIEDER, 2002, p. 39).

Não basta colocar computador com internet na escola, temos o fator da pouca leitura que é relevante na população brasileira, dificulta-se o processo de pesquisa e obtenção de informações na rede. Por essa falta de leitura, às vezes abre-se a internet para pesquisa de trabalhos e a prática de plágio vem à tona, pois falta incentivo à leitura, assim fica mais fácil 'copiar e colar' e o trabalho está pronto. Um exemplo presenciado

no dia-a-dia é o uso da calculadora, que muitas vezes leva o ser humano a não saber calcular sem a ferramenta, se torna dependente da máquina. Precisa-se de novos laboratórios de pesquisas, novos canteiros no investigar para assim se integrar e se incluir essas práticas com o uso de recursos tecnológicos.

Na escola, com seu papel principal nesse processo, é preciso que se envolvam os gestores, professores, coordenação e todos os funcionários até mesmo pais para que seja inserido as tecnologias em todo contexto educacional pois a escola não pode ignorar o que acontece no mundo, pois esse avanço colabora no trabalho, nas decisões pessoais e profissionais e até mesmo na forma como as pessoas pensam, quanto mais informado o aluno estará melhor será o seu desempenho e aprendizado.

É básico que todos os envolvidos na educação, docentes e discentes, construam linguagens pedagógicas cujos campos de significados permitam que eles se sintam bem para que o desafio do aprender seja recompensado pela alegria do viver melhor. No entanto e como se percebe nos ambientes escolares a indiferença quanto ao saboreamento da vida é ainda algo tornado soberano. (STRIEDER, 2002, p. 238).

A inserção tecnológica torna-se um processo significativo na escola quando consegue envolver a comunidade em geral. Portanto é democrático, para que esse uso das tecnologias seja feito de forma mais acessível precisa envolver pais e comunidade em geral, mostrar os projetos e como funciona na escola, desenvolver noites culturais para que seja apresentado o avanço da aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, se perceberem o avanço, pode-se cativar para que mais pessoas se interessem por pesquisa e estudo, os educandos montar “aulas” para demonstrar o que aprenderam nas aulas com o uso destas tecnologias, miniprojetos que incentivem cada

vez mais a busca pela informação, está clara, aprofundada e de fonte confiável.

1.1 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESAFIO TECNOLÓGICO

A educação estava moldada como forma tradicional, constituía-se em memorização e repetição de ensinamentos prontos, mais tarde passou-se a estimular mais o aluno para incluí-lo à realidade, estimular o ser pensante em cada educando, ainda existem muitas dificuldades no acesso às novas tecnologias, influenciam e mudam a vida das pessoas com o avanço e desenvolvimento acelerado. Dessa maneira, é um importante instrumento de informações e busca por cada vez mais conhecimento. Professor tem que estar ciente que tem a difícil tarefa de se adaptar a esse “novo mundo” tecnológico em que devido à necessidade criada ninguém mais consegue viver sem.

A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. (MORIN, 2000, p. 20).

Docente deve aliar o conteúdo aos recursos à disposição para que possa ministrar uma aula desejante que cativa os alunos a ter vontade de ir além do conhecimento passado, ou seja, abrir-se para uma nova aventura humana, a do conhecimento, buscar e construir conceitos próprios do assunto. Aprender assim a serem pessoas críticas, que pesquisam e investigam, não aceitam as verdades prontas, tem sede do saber.

Nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento (MORIN, 2000, p. 84).

Frente às novidades pode-se observar um professor que deseja incorporar essas novas tecnologias para acompanhar esses avanços e temos a insegurança pela falta do preparo, mas deve-se saber interagir com o aluno, pois os mesmos também tem muita coisa a ensinar para o professor, aqui tens exemplo de uma escola desejante, em que todos aprendem uns com os outros, trabalho em equipe em que professor e alunos trabalham juntos, o educador que estiver disposto a buscar e receber informações conseguirá transmitir ao educando de uma forma que aprendam, e desperta-se interesse pela pesquisa, e aprofunda-se com essas informações criar os próprios conhecimentos, sua personalidade, auxilia na formação de valores. Os professores devem acompanhar a mudança do mundo, auxiliar os alunos com tarefas agradáveis e que sejam pessoas capazes de resolver os próprios problemas, confrontar-se e desafiar-se a todo instante.

A perspectiva da sensibilidade de inclusão do outro e não a sua exclusão, precisa ser articulada a partir da ótica de uma sensibilidade cooperativa impedida e, portanto, não in-existente. Talvez ela esteja submersa no formidável auto-engano que continua impedindo uma revisão geral de nossa responsabilidade junto ao outro. Historicamente a capacidade desejante da sensibilidade inclusiva, veio sendo anulada e, os humanos, nos tornamos vítimas

sufocadas dessa capacidade desejante.
(STRIEDER, 2002, p. 183).

Além disso, pode-se perceber a resistência por parte de alguns professores em utilizar os novos recursos tecnológicos, os motivos são variados, muitas vezes por insegurança, medo, falta de capacitação, ou até mesmo por falta de estrutura e equipamentos na unidade escolar em que atua. Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na sala de aula aliadas ao plano de ensino do educador fazem a diferença na qualidade da educação, as crianças sabem cada vez mais utilizar as tecnologias, com isso os professores interagem nas aulas com os educandos, ao trabalhar em equipe, juntar os saberes para ensinar e aprender de uma forma mais criativa e dinâmica.

As investigações recentes sobre formação de professores apontam como questão-chave o fato de que os professores desempenham uma atividade teórico-prática. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. A profissão de professor combina sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais. Com essa razão, se pensar um currículo de formação, a ênfase na prática como atividade formadora aparece, à primeira vista, como exercício formativo para o futuro professor. (LIBÂNEO, 2011, p. 93 – 94).

De acordo com Assmann (2012, p. 40), “o aprender não se resume em aprender coisas, se isto fosse entendido como ir acrescentando umas coisas aprendidas as outras, numa espécie de processo acumulativo semelhante a juntar coisas num montão.” A utilização de novas tecnologias nas aulas muitas vezes é vista como impossível por vários fatores como: inquietação dos educandos, uso das redes sociais atrapalhando a aula, falta de atenção. Mas, todavia, se for um fator que souber ser implantado aos poucos, utilizar métodos adequados será

bem-sucedido, sabe-se que nada é fácil quando é novo, com tempo certo adaptações e adequações necessárias o processo se inicia e obtém resultados positivos.

Atualmente, é impossível democratizar um saber fechado e esotérico por natureza. Mas, a partir daí, não seria possível conceber uma reforma do pensamento que permita enfrentar o extraordinário desafio que nos encerra na seguinte alternativa: ou sofrer o bombardeamento de incontáveis informações que chovem sobre nós, quotidianamente, pelos jornais, rádios, televisões; ou, então, entregarmo-nos a doutrinas que só retêm das informações o que as confirma ou o que lhes é inteligível, e refugam como erro ou ilusão tudo o que as desmente ou lhes é incompreensível. É um problema que se coloca não somente ao conhecimento do mundo no dia-a-dia, mas também ao conhecimento de tudo o que é humano e ao próprio conhecimento científico. (MORIN, 2003, p. 20).

O grande desafio é transformar as informações, pois os alunos têm acesso a essas, mas, muitas vezes, não têm maturidade suficiente para coletar e organizá-las. Mas cabe ao professor auxiliar nesse processo, despertar a curiosidade e a criticidade, criando-se um ambiente favorável aos debates dos assuntos para que cada um desperte o ser crítico e seja receptor e construtor do conhecimento assim torna-o responsável e comprometido, fazendo o processo mais interessante e dinâmico. “O aluno tem como aliado o professor que é o facilitador da sua aprendizagem. O professor que é o mediador e está sempre atento na aprendizagem do aluno, propiciando um ambiente favorável aos debates”. (SEEGGER; CANES; GARCIA, 2012, p. 9).

A profissão do professor pode ser comparada ao engenheiro, constrói a ponte, convidam os educandos a atravessa-

rem e após a passagem faz a derrubada da ponte para que os alunos criem estratégias e construam a ponte para poder voltar ao local de origem. Segundo Junckes, (2013, p. 1), “a atuação dos profissionais da área de educação vem se remodelando com a finalidade de atender às demandas dos alunos, não só transmitindo conhecimento, mas buscando a interação e estimulando os alunos para desenvolverem suas habilidades e concretizar iniciativas e sonhos”.

As aulas tornam-se dinâmicas quando se aprende como usar as tecnologias. Alguns professores temem ser substituídos pelas tecnologias, outros casos falta a estrutura e acesso, mas deve ser pensado que é o suporte, ferramentas facilitadoras e para usar nas aulas, estimular os educandos. Construir com o uso das tecnologias espaços laborais para despertar nas crianças o desejo de criatividade.

Já citava Freire (1996, p. 88) “o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante.”. Em um mundo em que tecnologia avança a todo instante, o docente deve aliar a realidade do aluno, refletir e analisar as práticas da escola e sociedade, quanto mais próximo a realidade do aluno, maior será seu aprendizado, pois o mesmo se interessa pelo assunto proposto, pois já tem um pouco de conhecimento e com certeza utilizará a internet a ir em busca de aprofundamento.

A finalidade da formação humana é o fundamento de todo processo educativo. É por meio dela que se pretende desenvolver a prática do autoconhecimento em cujas pessoas passem a ver que possuem a capacidade de encarar a adversidade sendo holísticas e independentes e reconhecerem a interdependência entre os seres. Pessoas que estejam sempre dispostas a responder por que e porque não, que encontrem pos-

sibilidades de colocar sua visão de mundo e suas idéias num contexto mais amplo, com espontaneidade, compaixão e a consciência de seguir as próprias idéias além de questionar as convenções, não com o sentido ingênuo de fomentar a discórdia e a rebeldia, mas consciente de seus propósitos. É assim que podemos pôr nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo e com a qual avaliamos se uma ação faz mais sentido do que outra. É esse poder transformador que diferencia os indivíduos. (MACIEL, 2009, p. 4).

O docente é o facilitador do ensino, deve estar preparado para ajudar interpretar as informações recebidas pelos educandos, ampliar sua visão de mundo, atentar-se nas informações da mídia manipuladora, consumista e que não vai ao encontro dos valores humanos. Na formação humana deve levar em consideração a auto aprendizagem, o processo de descobrimento, envolver sentimento na aprendizagem, educação para a sensibilidade, pois quem sente alegria com uma descoberta com certeza aprendeu. Aprende-se muito com as emoções.

1.2 TECNOLOGIA TORNA A EDUCAÇÃO DESEJANTE

O uso do computador é importante se for devidamente trabalhado, nas escolas de interior onde ainda não há acesso à internet, pode sim ser implantado um processo para que se utilizem as Novas Tecnologias Informação e Comunicação (NTICs), computador em si tem diversas funções que podem ser desenvolvidas sem o uso da internet, como por exemplo: editor de texto, ensinar configurar uma redação conforme normas da ABNT, na área do português, há muito que aprender, com um simples editor de texto que possui diversas configurações, na matemática: criar planilhas, gráficos, aliar

pesquisa de campo com a criação de resultados e com o uso dos programas básicos existentes nos computadores.

A educação escolar que insiste em renunciar à introdução da concepção de interdependência e de discutir o conhecimento de forma trans-disciplinar apela para um pré-parado estado de permanência. Como tal, ela se presta para a solidificação da exclusão social. (STRIEDER, 2002, p. 252).

Subestima-se a capacidade do ser humano, antigamente pouco se falava e pouco tinha-se de tecnologias avançadas, mas partindo do pressuposto de que o ser humano criou uma máquina tão avançada com suas habilidades, pensa-se que os demais são capazes de aprender a utilizar e ter bom proveito. Muitas vezes falta interesse em aprender, pois municípios disponibilizam cursos gratuitos para a população em geral, alguns até possuem as máquinas em casa, mas tem medo de estragar e acabam opta-se por não mexer, e é com a prática que se aprende. A formação continuada é um dos pontos de partida para que diante das tecnologias buscar cada vez mais a capacitação dos professores.

Em um ambiente virtual de tecnologia, o estudante tem acesso a conteúdos teóricos, onde os professores, orientadores pedagógicos, facilitam e dão suporte na realização de tarefas propostas. O foco está na interação e cooperação entre os participantes que enriquece os conhecimentos individuais. A interatividade estimula o estudante a fazer leituras, pesquisar, colocar suas ideias e trocar experiências. Permite ao aluno fazer auto-avaliação e reflexão do seu desempenho garantindo desta forma a qualidade da sua aprendizagem. (SEEGGER; CANES; GARCIA, 2012, p. 9).

Aliar computador, internet e suas ferramentas aos processos de convivência nos trabalhos em grupo, pode ser uma prática de convivência interessante para a formação de valores humanos, como a responsabilidade de condução das atividades, essas tecnologias devem ser aprimoradas, para que se tornem acessíveis a todas as pessoas, pois num mundo tão globalizado as pessoas que são incapazes de lidar com as novas ferramentas são consideradas excluídas, o papel do professor é de transformador de consciências, que é capaz de inserir o aluno nesse contexto para que possa pensar, criar e recriar, assim a escola será um espaço de interação e comunicação. A familiarização com essa era tecnológica desse novo modo de ensinar e aprender, mostrar aos educandos, por exemplo, que o computador mesmo sem a internet tem funções proveitosas e é um instrumento de aprendizado:

Um novo conteúdo curricular tem urgência em pervagar todas as atividades pedagógicas e educacionais. É preciso estar aberto para coisas novas e iniciar-se no mundo da criatividade. O mundo profissional, para além da ótica empregatícia, perfila-se como imposterável no atual contexto de desemprego em massa. (STRIEDER, 2002, p. 271).

Nessa perspectiva, como fica a situação dos materiais impressos como: livros, caderno de leitura, dicionários? Dentro da sala de aula, o uso das tecnologias sem o abandono de livros, mapas, quadro, ao contrário o educador irá juntar todas essas ferramentas que possui como vantagem de aprimoramento de conhecimentos. Atualmente se tem muita informação, mas ter a informação não se quer dizer que és sábio, precisa interpretar para que haja a aquisição do conhecimento. O *software* muitas vezes auxilia o professor com jogos educativos, atividades, exercícios de fixação que, por meio destes, é detectado em qual

aspecto o aluno sente dificuldade para que o professor possa mediar e auxiliar nas dificuldades.

Pode-se comparar as tecnologias com o telefone, hoje em dia não se sobrevive no mundo da comunicação sem telefone, a *WEB* e as tecnologias se tornam cada vez mais indispensáveis nesse contexto, basta se ter uma leitura fluente para encontrar tutoriais e vídeos explicativos ou até mesmo utilizar o que se aprende e compreende como se usa as tecnologias.

O quanto mais interessante é uma aula de geografia, por exemplo, o educando no computador procura os locais no *Google Maps*, do que o professor chegar com todos aqueles mapas impressos, sendo que metade dos alunos nem prestam atenção na aula, se tornaria bem mais desejante deixar que explorem na internet e vejam imagens dos locais e até mesmo percorrendo as ruas. No ensino do português, por exemplo, o dicionário é pouco utilizado por trazer muitas definições sobre o que é as palavras sabendo que na internet busca simples e de forma que o aluno se faz entender até mesmo com o uso de imagens.

[...] é necessário enfatizar que as TIC na educação não devem ser aplicadas em sala de aula de forma exacerbada ao ponto de substituir ou diminuir a importância e a contribuição didática do professor em sua exposição verbal, devendo ser utilizadas apenas como um conjunto de ferramentas que possam auxiliar e facilitar o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, como um aparato a mais que o professor possa lançar mão para alcançar finalidades maiores que é contribuir para uma melhor qualidade educacional. (RÊGO; SERAFIM, 2014, p. 13).

A internet, hoje em dia, é um meio de interação das pessoas, há diversos aplicativos que podem ser baixados, pessoas do mundo todo conseguem se comunicar através dela,

pelo drive pode-se compartilhar documentos e que podem ser editados por um grupo de pessoas em qualquer local de diversos lugares diferentes, basta ter acesso a internet e e-mail forma-se textos coletivos de alta qualidade, os professores podem usar de forma avaliativa, os educandos que realmente não conseguem se reunir para fazer os trabalhos é a melhor maneira de solucionar o problema.

Deve-se ter metas e a mais significante é que se tornem seres críticos e capazes de criar coisas novas, assim como as tecnologias evoluem, existe um humano a planejar essa evolução para que seja algo inovador nunca antes pensado, para impactar a sociedade. Os educandos não devem aceitar as respostas prontas, buscar sempre mais informações e investigar acerca do assunto, construir com mediação dos professores os conceitos da melhor forma para que possa compreender acerca do assunto.

Fica reforçada a concepção memorizante do aprender e a sua conseqüente necessidade de recheagem. O aluno não aprende porque não vivencia. Ele decora e memoriza porque isto se constitui uma tarefa, ou seja, ele executa atividades que lhe são exigidas e não por que lhe são significativas. (STRIEDER, 2002, p. 243).

A tecnologia sozinha jamais revolucionar o ensino, não se deve pensar que usar somente as NTICs solucionará o problema da falta de qualidade na educação, mas tem-se meios para que possam auxiliar o professor na performance na frente do aluno e que possa utilizar como instrumento para tirar dúvidas, assim conseguirá planejar aulas de melhor qualidade, trabalhar com ludicidade e atrair a atenção dos educandos para a aula ministrada.

Os contextos educativos não podem se fechar às novas tecnologias produzidas pelos humanos, alia-se às tecnolo-

gias, mas em momento algum se pensa que somente com as tecnologias irá transformar a educação. Mas, que em uma perspectiva de educação humanizadora, os espaços do educar são muito mais complexos, necessita de atenção e cuidados especiais para com as pessoas, pois todos tem sentimentos e, dessa maneira, é indispensável o “calor humano”, pois o contato sentimental também faz parte da educação. Somos seres de relações e é nas relações que nos humanizamos.

CONTEXTOS EDUCATIVOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O processo deve ser aprendente, que se constrói ao longo do percurso, pois não se aprende somente com a escola e sim com a vida e com a sociedade. A sociedade é massa manipuladora e que mais influencia as crianças, pois todo momento se tem informações sendo elas verdadeiras ou não, a escola entra nesse meio auxiliando as ‘mentes pouco instruídas’ para atribuir real sentido ao que ouve nas mídias e na sociedade que o cerca. Pois, para os políticos mente pouco instruída é mais fácil de manipular, sendo assim o processo de falcatruas pouco é mencionado, basicamente os seres humanos servem para o trabalho e votação para eleger os governantes.

A sociedade se constitui como sendo da informação, mas, se esta for vazia e sem muitas fontes, não é válida. Cabe ao educador transformar essa realidade para que aos poucos seja uma sociedade do conhecimento. “Seres vivos são seres que conseguem manter, de forma flexível e adaptativa, a dinâmica de continuar aprendendo.” (ASSMANN, 2012, p. 22).

As sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as idéias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla. (MORIN, 2000, p. 29).

Considera-se um desafio incorporar tecnologia na sala de aula, deve se articular a tecnologia para melhores resultados em termo de qualidade e satisfação na área educacional. Os estudos do projeto constam práxis pedagógicas acerca da escola pública e privada ao encontro de uma inclusão tecnológica nos meios sociais e contextos educativos atuais:

Entende-se por tecnologia educacional, o conjunto de técnicas, processos e métodos que utilizam meios digitais e demais recursos como ferramentas de apoio aplicadas ao ensino, com a possibilidade de atuar de forma metódica entre quem ensina e quem aprende. Quando se pensa as tecnologias em Sala de Aula, vem à ideia e muito dos estudos falam sobre as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). (RAMOS, 2012, p. 6).

Na atualidade as redes eletrônicas, tais como celulares, internet e redes sociais estão a invadir a sociedade, geram-se dessa forma uma mudança de comportamento e atitude. E não está diferente na sala de aula, alunos bombardeados de informações e descobertas querendo utilizá-las em seu ambiente escolar. A insistência de seus mestres em não usarem em sala de aula, mesmos para fins educativos. É o que acontece na maioria das escolas:

O que tem a ver tudo o que foi dito anteriormente com a formação dos docentes? cremos que muito. A formação hoje em dia é formação individual e social. Mas se requer desenvolver em todas as pessoas, especialmente nos docentes, a capacidade de autoformação, a capacidade de delinear e desenvolver processos de aprendizagem ao longo da vida, utilizando em cada momento os meios mais apropriados e eficazes. (MARCELO; VAILLANT, 2012, p. 32).

O educando procura a escola com sede do aprender, mas essa sede deve ser alimentada a cada dia, é preciso cativá-los, mostrar interesse e vivências novas para que esse conhecimento se torne cada vez mais possível, professor mediador, a base desse aprendizado, a escola pode até não ter os recursos necessários para se ter novas tecnologias incluídas em sala mas a criatividade do professor nesse momento “fala mais alto”, é o que move o prazer em aprender, pois pessoas críticas e criativas formam pessoas excelência em criatividade e criticidade.

O professor precisa colocar-se como um ser atento, sensível, pronto a perceber as dificuldades, anseios, desejos de seus alunos e atuar instigando os alunos para que despertem o olhar ao outro. Essa escola se reconhece como um lugar de encontros, um lugar de humanização, de sensibilidade, um lugar de vida e de diversidade. (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2012, p. 110).

Deve-se valorizar as crianças, as suas falas e criatividade. Jamais deve-se corrigir arduamente as crianças, mas fazer com que percebam seus erros para que possam buscar corrigi-los. E a internet contribui nesse processo sendo ferramenta de investigação, auxiliando na busca das respostas e no aprofundamento do conteúdo. O professor deve aceitar a opinião de seus alunos, ajudá-los a instigar os seus medos e ultrapassar seus desafios. Dessa maneira, o professor não terá um aluno na sala de aula, mas sim um amigo, é essa amizade, harmonia que muitas vezes fazem a diferença no ensino mostra-se a afetividade e acolher para o estudo.

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação pro-

fessor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva. (SAVIANI, 1999, p. 24).

A forma tradicional da estrutura da escola e de ensinar é um fator negativo quando se fala em inovação e tecnologias, pois é difícil mudar algo que vem de anos, mas nunca é impossível, deve-se trabalhar para mudar o pensamento desses tradicionais de que uma das causas de os alunos reprovarem também pode ser essa forma tradicional sem muitas alternativas na aula, causando assim a falta de compreensão dos conteúdos. Sala de aula deve ser lugar desejante, instigante que o aprendente tenha prazer em entrar e sentir que é um local bom para estudos, por isso a educação envolve muito sentimento, afetividade para que se sintam bem e aprendam com facilidade.

A educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. (MATURANA, 2002, p. 29).

Hoje, os professores se deparam com uma sala de aula em que falta algo a ser articulado. Falta concretizar o conhecimento de seus educandos, incluir novos meios de tecnologia, pois assim quebra-se os paradigmas de escola tradicional. Falta incentivo e muitas vezes recursos, até mesmo estrutura em algumas escolas, mas se tiver força de vontade e concretar as iniciativas aos poucos será alinhado e com certeza fará a diferença. Pois já dizia Strieder e Zimmermann (2012, p. 18) “o convite não é para olhar uma situação e negar a outra, mas reconhecer que é preciso dar-se conta que há um processo de integração há mudanças positivas acontecendo nas sociedades humanas.”

Os sujeitos envolvidos no processo de educação são muitos, mas diretamente ligados à alfabetização é o professor mediador, o que deve mediar o ensino com metodologia diferenciada, o conhecimento e entendimento dos alunos, mas para que o processo tenha cada vez mais êxito, propõe-se que os sujeitos envolvidos nesse meio também possuem uma instrução, estudo de conhecimentos e que saibam usar um pouco das tecnologias que tem à disposição em todos os locais, a coordenação e direção da escola desenvolver estratégias para que os professores possam ter formação continuada e cursos para que saibam lidar com as tecnologias, para isso:

Malcon Knowles desenvolveu uma teoria sobre a aprendizagem adulta, denominada Andragogia, em outras palavras propõe que uma pessoa adulta desenvolva uma concepção sobre si mesma, que utilize sua experiência como recurso para sua aprendizagem e que se motive a aprender em função dos papéis sociais que desenvolve. (VAILLANT; MARCELO, 2012, p. 28).

É preocupante quando se sabe que há espaço para introduzir a tecnologia, mas por causa de alguns fatores não se for feito, medo, insegurança, e muitas vezes ‘cortar as asas de quem quer voar’, os sonhos dos alunos que querem utilizar os recursos para o aprendizado, é deprimente quando os professores analisam que é perda de tempo toda a inclusão, de que de nada adianta fazê-la. A escola privada tem condições de se ter bem mais recursos, mas não se sabe ao certo se utiliza de forma correta ou usa-se todos os recursos disponíveis pois ferramentas excelentes existem e estão à disposição no processo de ensino aprendizagem.

A escola é uma instituição que exerce uma grande influência na vida dos indivíduos, todavia, mantém se (re)organizando em nossa sociedade globalizada e dinamizada, ainda é reconhecida pela sua importân-

cia social e humana. Embora exista esse reconhecimento, é certo que a escola continua a enfrentar grandes desafios. Certo sentimento de fracasso educacional, um coro coletivo que acaba ecoando como se fora em um espaço vazio, de que 'a escola não atende as necessidades do aluno e o ensino não recebe a estima que merece' e, portanto, 'se faz urgente e necessária sua reforma'. Há tempos existe uma espécie de anúncio coletivo da crise da escola e da Educação, como se isso fosse um fato recente do século XXI, mas sabemos que não. (MALDONADO, 2015, p. 29).

Por vezes a classe dos professores é desvalorizada por diversas situações, mas se presenciarmos várias cenas de que muitas vezes os alunos se relacionam melhor com os professores do que com familiares, a sociedade deve analisar e pensar se existem todos os profissionais é porque existe professor que busca sempre novos recursos para que isso se torne possível.

As escolas ganharam mais um papel para ser exercido além de formar cidadãos para o mercado de trabalho, mas o de manter, ensinar, repassar e utilizar esses conhecimentos da melhor forma possível, tornando assim o professor uma parte essencial para esse desenvolvimento e que ainda não é tão valorizado. (ARAÚJO; BARROS, 2012, p. 9)

Oliveira e Harres (2017), na experiência de um grupo de professores que criaram um projeto utilizando o *Facebook* como ferramenta de auxílio na educação, percebem que em alguns casos realmente auxiliam de forma positiva para a educação, sendo que os professores que utilizavam para mandar aulas *online*, tirar dúvidas sobre diversos assuntos servindo como complemento da aula, chegaram à conclusão que:

Levando em consideração que a escola não possuía telefone, o diálogo pela Internet se tornou o único meio de comunicação fora os encontros presenciais. Por falta de transporte escolar, diversas vezes as aulas foram canceladas. Pela rede os professores avisavam sobre a logística e empecilhos que alterassem as combinações. (OLIVEIRA; HARRES, 2017, p. 26)

Em condições colaborativas devem ser impostas e seguidas à risca, pois não adianta utilizar os recursos sem finalidades específicas e planejamento, somente para constar de que está a incluir as tecnologias na sala de aula, depende de um conjunto de ações e pessoas que colaborem com a proposta imposta em busca sempre de um objetivo específico e ter assim um plano de ação concreto, unidos através de formação de cidadãos conscientes e críticos, pois:

Constatamos também que existe a necessidade de políticas mais democráticas dentro do colégio que busquem trabalhar com essa tecnologia trazida pelos alunos para sala de aula, desenvolvendo estudos mais dinâmicos, buscando trabalhar o lado reflexivo e crítico do educando. Logo, trabalhar juntos (equipe pedagógica, professores e alunos) se torna fundamental para desenvolvimento de políticas mais conscientizadoras, que possam agregar a tecnologia que o discente traz para a sala de aula à metodologia e ao conteúdo aplicado e planejado pelo docente, dinamizando os recursos que os discentes possuem. (RAMOS, 2012, p. 14).

O contexto educativo em que encontramos em nosso Brasil ainda é lamentável comparado aos países vizinhos, pois temos regiões onde crianças sofrem para conseguir chegar até a escola para ter uma formação, têm se muitos avanços para acontecer, mas os sujeitos envolvidos nesse processo devem

ir à luta para que se consiga uma educação com melhor qualidade e melhores condições para ensinar e para aprendizado.

2.1 ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA: DOIS CONTEXTOS EDUCATIVOS DESEJANTES

Contextos diferenciados e com os mesmos objetivos, educação, seja na escola pública ou privada os professores estão na escola para educar, mas em alguns locais se percebe o diferente tratamento por conta de capital ou até mesmo status social, a triste realidade do século XXI é que muitas vezes se trata as pessoas pelo que tem e não pelo que são, por isso a escola tem a missão também de conscientizar os alunos que o ser é mais importante que o ter. Alguns detalhes que fazem toda a diferença no ensino e na educação das crianças, detalhes estes levados para a vida toda.

Nas escolas particulares, além de terem a vantagem de suas estruturas físicas bem montadas e acessíveis e com seus docentes com algum tipo de formação específica para tal área. São instituições educacionais privadas e sendo assim fazem parte do sistema capitalista, no qual tudo se torna uma mercadoria uns objetos, com valor, qualidade e propaganda, vendem o conhecimento, mantendo assim a importância pela quantidade que se formam, com isso acabam mantendo e perpetuando um sistema no qual exclui e discrimina os menos favorecidos financeiramente e também em outros aspectos. (ARAÚJO; BARROS, 2012, p. 4).

A maioria dos brasileiros optam pela escola pública por não ter condições financeiras de manter os gastos de uma particular, por isso muitas vezes também não tem acesso a alguns recursos tecnológicos por essa falta de condição, nesse sentido a escola é onde consegue explorar alguns recursos, ver

coisas diferentes e novas em seus conceitos, enquanto alguns que tem ‘tudo o que desejam’ mas não se esforçam tanto quanto os que realmente querem buscar por conhecimento, e acabam por algumas vezes à prejudicar a sala de aula e atrapalham as aulas, pois não possuem prazer pelo estudo.

Aborda-se nesse estudo dois contextos escolares: escola pública e escola privada, nesta pesquisa pensou-se em investigar a maneira de ensino com as tecnologias das duas realidades, na escola privada há presença de alguns professores que atuam na rede pública de ensino, a metodologia utilizada para ensino é a mesma, mas a realidade das escolas públicas são salas de aula lotadas de crianças e na privada a quantidade de alunos é metade ou até 40% a menos da quantidade encontrada na pública:

É neste sentido que imagino ser a mediocridade escolar instrucionista um patrimônio comum de todas as redes brasileiras, também porque, em grande parte, se trata da mesma pedagogia, da mesma licenciatura, da mesma aula e prova, do mesmo professor do mesmo sistema. Se observarmos as pedagogias oferecidas no país, as instituições particulares não oferecem propostas alternativas. Ao contrário, aprofundam ainda mais o instrucionismo, por conta do mercantilismo muitas vezes dominante: os cursos são encurtados ao mínimo possível legalmente, somente se dão aulas, tudo se copia, nada se cria. (DEMO, 2007, p. 203)

A imagem imposta pela sociedade de que a escola privada é melhor que a pública, por exemplo, se quebra a partir do momento que os professores inovam, que os alunos têm prazer pelo estudo e vão em busca, que direção e coordenação incentiva projetos e novas ações de conhecimento, a mudança está na mão de cada participante da sociedade, incluir a escola juntamente com a comunidade escolar, o resultado será satis-

fatório para ambas as partes. Sabe-se que para a aceitação, o reconhecimento e resultados todos devem ter participação intensa e de grande valia no processo da educação. Reflete-se para que mude alguns conceitos que se desenvolveu com a sociedade, repassados esses dados para professores e escolas, ainda há esperança de alguns para transformar essa realidade.

Ao mesmo tempo, não pode consolar a escola pública a crise da escola particular, já que a escola pública não avançou em nada, praticamente. O tom de queda ainda a domina. Assim, não faz sentido imaginar que seja avanço público a queda particular. Ambos os sistemas precisam aprimorar-se substancialmente. É claro que o desafio de melhoria pública é muito mais importante, porque está a escola da população em geral. (DEMO, 2007, p. 205).

A instituição educacional tem o compromisso de diminuir a distância entre realidade e o cotidiano escolar. Pois é com a realidade e a vivência que conseguiu-se chegar a um resultado positivo do desenvolvimento dos educandos. Experiências reais levam ao entendimento e, para tanto, o aluno que já presenciou e sabe do assunto que se apresenta terá compreensão simples e rápida. É nesse sentido que às vezes o próprio aluno pode auxiliar os colegas para que entendam do que se trata. Como cada pessoa aprende de uma maneira, pode ser que o aluno entenda o conteúdo mais fácil com um colega a explicar do que com o professor, assim deve se dar a liberdade para que possam auxiliar nesse momento, sem os repreender.

Com tudo isso o campo educacional vem passando por inúmeras transformações em suas estruturas e funções, com a utilização dos meios midiáticos como um dos instrumentos para a aprendizagem no ambiente escolar e em relação ao meio social, notando-se que há um crescente aumento pela

busca de inúmeras alternativas que sejam aplicáveis para se fazerem a junção dos mesmos. (ARAÚJO; BARROS, 2012, p. 3)

A educação está em busca da escola dos ‘sonhos’, que a cada dia de uma forma melhor e muitos lutam para que isso se torne realidade, alia-se todos os recursos disponíveis e os bons profissionais aprofundam-se em busca a educação interdisciplinar, a qual se relaciona todos os conteúdos sem ser preciso separar por ‘gavetas’ os assuntos e a tecnologia é a grande aliada, ferramenta de auxílio que está cada vez mais aprimorada e que chegou com grandes novidades para fazer possível essa educação transformadora, humanizadora. Que as aulas se tornem momentos que fiquem marcados na vida dos alunos, que realmente aprendam o que está proposto pelo professor, que seja uma troca de informações e de conhecimento de forma divertida, lúdica e prazerosa.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2000, p. 36).

A escola tem um papel potencializador em suas mãos, por ela passa diversos ramos e segmentos, a informação deve ser contínua sem pausas, é um dever dos professores (a) repassá-las aos seus educandos. Pois educar é falar de história, matemática e português, sem ter medo de invadir o espaço do outro. Educar é contextualizar em todas as formas possíveis e reversíveis, é pensar no amanhã. Educar é trabalhar a diferença, a diversidade que existe no contexto de globalização. Educar é reconhecer as habilidades que existem no ‘outro’. Enfim educar vai muito além disso, ela vai até onde seus olhos permitirem, abre caminhos no horizonte da vida auxilia a

conhecer novas formas de enxergar o outro e compreendê-lo da forma como ele é.

Na escola, como espaço ambiente de interdependências, deseja-se conviver com os diferentes, o que significa viver em comunhão, viver na intimidade, sabendo-se reconhecido e reconhecendo-se pertencente a uma comunidade e pertencente a humanidade. (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2012, p. 97).

A convivência na sociedade e a mídia trazem diversas informações as quais os professores devem atentar-se e utilizar-se delas como meio facilitador para aprendizado, aliar a teoria com a prática é uma das formas mais inteligentes e fáceis de fazer a criança compreender uma determinada situação, pois ao se falar de animais para crianças que vivem na zona rural por exemplo, eles irão já saber do que se trata, ao contrário do que quando se expor para crianças da zona urbana, pois estas nunca tiveram contato com os determinados animais. Buscar iniciar os ensinamentos a partir da realidade do aluno, buscar o que o aluno sabe e compreende-lo, assim em uma educação humanizadora fica mais fácil dos discentes compreenderem conteúdos, de forma que cada um expõe suas ideias e fara com que se sentam valorizados, pois contribuirá com a aula.

A internet e suas ferramentas estão atingindo cada vez mais número de pessoas que necessitam da mesma, convém lembrar que é para fins de estudos, diversão ou mesmo no trabalho. Sabe-se sobre a necessidade de integrá-la à sociedade e, dessa maneira, auxiliar para o alcance de informações em questões de milésimos, até chegar ao outro lado do mundo. E por que não a integrar na sala de aula, sendo este um ambiente educativo e um lugar de aprender? Assim se compreende as transformações que vêm a ocorrer ao redor do mundo, positivas e instigadoras para utilização da tecnologia e suas ferramentas. E o ser humano deve estar sempre em busca das informações e inovações para acompanhar seu avanço,

estar sempre pronto a novos conhecimentos a respeito desse assunto recente que é a tecnologia.

Com a chegada dos recursos tecnológicos nas escolas, exige-se dos educadores uma nova postura frente à prática pedagógica. Conhecer as novas formas de aprender, ensinar, produzir, comunicar e reconstruir conhecimento, é fundamental para a formação de cidadãos melhor qualificados para atuar e conviver na sociedade, conscientes de seu compromisso, expressando sua criatividade e transformando seu contexto. (CARVALHO, 2009, p. 6).

Os alunos têm oportunidade de interagir nas aulas expor suas ideias, pode compartilhar novas experiências alia-se com a teoria do professor para fazer com que o aluno se sinta lisonjeado e fale sobre a prática, as aulas podem ser diferentes somente nas simples discussões realizadas com as ideias dos alunos. O educando é um ser dotado de informações e criatividade, cada um tem uma forma de se expressar e predominância de habilidade em uma área específica, deve-se compreender a situação de cada aluno e estimular para que desenvolva a área que mais se identifica. Dessa maneira, ele tem motivação para ir em busca de mais informações, pois está com suporte para a área que gosta e tem interesse em pesquisar.

Nesse sentido, todo movimento de vida na escola e fora dela é diferente, cada ser com seu ritmo, com suas percepções do outro e do mundo. é preciso que esse movimento seja um movimento de “desordem”, de desestabilidade, considerando não ser possível perceber os seres humanos de forma igual, mas sim que esta normalidade seja desorganizada, abrindo o olhar para a diferença, para a “desordem” (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2012, p. 93).

A auto formação das opiniões está cada vez mais escassa, educandos não opinam mais em sala de aula, muitas vezes esses alunos já passaram por situações que os próprios professores não permitiam comentários e acabavam ‘cortando assas’, assuntos que anos atrás eram considerados importantes e instigadores agora já não é de tanta valia, alunos que não possuem senso crítico atualmente, é a triste realidade que está a acontecer nas escolas, e qual seria a solução para resolver essa problemática? Por que não articular a tecnologia para auxiliar a desenvolver e enraizar auto formação dos educandos? É uma ótima estratégia, pois o que prende a atenção da maioria dos alunos ajudaria a despertá-los e enriquecer sua formação de forma significativa, dar mais confiança aos alunos para que possam interrogar e investigar suas dúvidas e deixar que se perguntem qual a melhor forma de utilizar as tecnologias para fins educativos.

Um mundo que está em transformação constante requer saberes, atuações, entendimentos, compreensões constantes. Tudo é imprevisível porque tudo está em movimento, essa dinâmica se faz necessária também no processo de ensino e aprendizagem. (MALDONADO, 2015, p. 37).

Sociedade da era digital está em todos os lados, diante de tantas possibilidades e formas de integrá-las em sala de aula, percebe-se que é necessário o uso de algum aparelho tecnológico, seja para trabalho ou estudo. Professores precisam ter um elo entre tecnologia e sala de aula, assim obtém-se resultados significativos e relevantes para o desempenho em sala de aula. No começo pode parecer assustador, mas no final terá a compensação que é satisfatória, são inúmeras maneiras de inserir a tecnologia em sala, em que se tem mais acesso o quão feliz as crianças ficam se deixar levar somente um dia o celular para utilizar em sala como pesquisa, com certeza eles irão aprender com uma simples

pesquisa, pois será prazeroso e de grande valia. O processo no início é difícil e trabalhoso, mas após implantado vai se perceber a diferença que causa nos estudos.

Desse modo, há outras formas de pensar a educação. Como há outras maneiras de escolarizar, de aprender, assim, como de ser aluno e professor. Quando um novo paradigma educacional vai sendo construído, o movimento se faz amplo e todos os sujeitos envolvidos nesse processo farão mudanças. (MALDONADO, 2015, p. 34)

A escola de ensino público do município tem professores com capacitação fornecida pela secretaria de educação com carga horária mínima estabelecida por ano que deve ser cumprida, e ao mesmo tempo encontra-se alguns desses profissionais na escola privada que lecionam meio período na pública e meio período na privada, portanto muitas vezes alguns tabus são quebrados observando essas situações. Os mesmos professores, muitas vezes com uso repetitivo de metodologia de ensino que lecionam na escola pública e na privada, isto mostra de que muitas vezes uma escola não é melhor que a outra, o que diferencia sim são os recursos e infraestrutura que na privada tem mais fácil acesso, na rede pública de ensino as verbas financeiras são pré-determinadas e em quesito tecnologia não se consegue acompanhar os avanços.

As inovações na educação devem ser vistas com mais atenção e com olhos menos céticos pelos pares – não podemos cair no discurso que inovar é modismo – que qualquer ação pode ser inovação. Não é esse o caminho a percorrer. Olhar projetos inovadores é perceber que a Educação não se encerra em si mesma, pelo contrário, ela deve seguir se movimentando, em ação constante para acompanhar o dinamismo e a imprevisibilidade da sociedade e do mundo. (MALDONADO, 2015, p. 40)

A partir das informações anteriormente citadas, na educação fundamental séries iniciais em nossa cidade encontra-se duas realidades: escola pública e escola privada, todas em busca de um só objetivo: educação de qualidade social, mas nem todas é ao alcance de todos, conforme prevê em lei a escola pública está aberta e é obrigatório a todos, já a privada tem seu custo que muitas vezes a população em geral não tem condições em manter. Há diversas escolas em nosso município e que são de acesso a todos, o ensino está sendo disponibilizado e vai de cada família matricular e incentivar seus filhos a irem à escola, seja ela pública ou privada quando se tem sede pelo saber irá aprender em qualquer ambiente.

Sendo perfeitamente óbvio que o ensino particular e cooperativo significa a possibilidade por excelência de os cidadãos exercitarem a sua liberdade de ensinar e também a sua liberdade de aprender (que a Constituição diz que garante no artigo 43.º), e não só de exercitarem esta liberdade, como também a de exercitarem o direito à educação e à cultura de que fala o artigo 73.º (e tanto assim é que o próprio n.º 2 refere a escola como meio formativo ao serviço da educação), só pode então perguntar-se se na nossa Constituição o Estado é, ou não é, um Estado-educador. (PINTO, 1993, p. 767).

Assim dizia Maldonado, (2015, p. 42) “a vida não é só feita de aulas, por certo, dessa forma a escola deve ser um espaço sempre que possível prazeroso. O aluno, professores, gestores, familiares devem sentir-se pertencente àquele espaço”. Ambiente prazeroso para estudo, a escola do amar, deve cativar cada vez mais os alunos, com planejamentos que envolvam a família na escola que auxiliam nesses projetos de inclusão para que seja uma escola democrática, a qual tem a participação de todos nas decisões da escola, projetos como esses que incentivam e dão ânimo até mesmo para professores

continuarem com suas aulas. Dessa maneira, a sociedade também consegue ver o que se trabalha com os alunos da escola.

Educação e qualidade são teclas que batem juntas quando se trata das necessidades do Brasil. E a prioridade nesse campo é, sem dúvida, o Ensino Fundamental na escola pública, à qual a maioria dos brasileiros tem acesso. O ensino privado, no entanto, participa da discussão sobre medidas a tomar para que o sistema responda aos anseios dos estudantes. (BRIZA, 2004, p. 1).

Muitas vezes a realidade de algumas escolas e moradias se torna difícil de trabalhar de forma diferente com algumas turmas, pois não se pode excluir nenhum aluno, quando se passa alguma atividade deve-se assegurar de que todos serão capazes e irão conseguir fazer a mesma, pois além de se incluir a tecnologia deve-se incluir quem a usa, portanto se não tiver disponibilidade de todos realizarem melhor que não seja feita:

A informação supra, porém, também afirma que seis pessoas de cada sete ainda não estão conectadas. Cabe, portanto, a reflexão sobre as dificuldades que a população rural enfrenta quando o assunto é infraestrutura pública no alcance à internet. (OLIVEIRA; HARRES, 2017, p. 7).

Nesse sentido, com os diversos estudos na área de inclusão das tecnologias, é necessário pensar metodologias que auxiliem na fácil introdução desse uso, para isso é preciso união de todos os envolvidos nesse processo procurando formas para que seja possível incluir alguns benefícios sendo que tenha infraestrutura e recursos na escola, sempre cientes do que poderão aplicar realmente na realidade de sua escola, por isso deve ser um projeto democrático que envolva os diversos participantes nessa etapa.

Ao participar do próprio processo da pesquisa e da discussão permanente dos resultados obtidos, os pesquisadores podem adquirir um conhecimento mais objetivo de sua situação, assim como analisar com maior precisão os seus problemas, descobrir os recursos de que dispõem e formular ações pertinentes (OLIVEIRA; HARRES, 2017, p. 18).

Escolas públicas e privadas possuem suas diferenças ideológicas tem seus lados incomuns como o acesso livre e gratuito a todos, mas também tem seu lado comum do querer e buscar educação de qualidade, pois a maioria dos educandos estão na sala de aula para um único motivo o aprendizado, claro que uns com mais intensidade que outros. Pois o direito de todas as crianças e adolescentes é o ensino, a educação de qualidade social. Essa educação tem que ser de uma forma prazerosa, sem distinção de escolas, pois são espaços de convivência e de formação humana:

Para tanto, o foco desta investigação recai sobre as experiências vivenciadas em realidade de escolas públicas e privadas detectando como as experiências vividas neste contexto têm se caracterizado em termos de inclusão, se há flexibilidade e readequação das propostas pedagógicas e do currículo para atender a todos neste processo. É preciso considerar a autonomia que as escolas privadas adquirem em termos de propostas pedagógicas e de organização curricular. Entretanto, é certo que todas as escolas brasileiras precisam se obedecer aos pressupostos estabelecidos pelas Diretrizes Nacionais para a Educação. (SOUZA, 2007, p. 5).

Constrói-se maneiras e formas de envolver os educandos nos processos que estão em constante movimento

de sistematizar e introduzir na sala de aula. Cada vez mais educandos estão aderindo a recursos não convencionais, como ferramentas que auxiliam e proporcionam uma interação melhor em sala de aula. Sabe-se as diferenças entre as escolas, não são todas que podem aderir a esses auxílios pedagógicos.

Nesta perspectiva, a gestão pode inovar o conceito de escola apoiando-se nessa sinergia de elementos elencados na práxis do processo educacional. Essa demanda faz com que o sentido ou conceito de educação e de escola se torne mais complexo. O aluno não aprende exclusivamente na sala de aula, mas no espaço da escola como um todo. O aprendizado é amplo, se encontra na maneira que a escola é organizada e como funciona, nas ações que promove, assim, no modo como as pessoas naquele ambiente se relacionam e como a escola se relaciona com a comunidade, nos exemplos de ações e nas atitudes expressas em relação às pessoas, aos problemas educacionais e sociais, entre outros aspectos. (MALDONADO, 2015, p. 32).

Grandes dificuldades e barreiras se encontram na realidade das escolas brasileiras, em um lado uma escola com pequena infraestrutura e disponibilidade de adquirir uma televisão nova para seus educandos. Já em outro lado uma realidade bem diferente, rodeada de informação e tecnologias, com lousa digital em todas as salas de aula, com uma sala cheia de computadores na sala de informática, mas em contrapartida temos a situação que muitas vezes consegue-se os recursos e os professores não os utilizam pelo medo, insegurança de estragar os equipamentos. Apresenta-se em uma perspectiva de Brasil em que se tem muitas escolas boas e que se é investido muito para que se tenha na escola os recursos, mas mais uma vez entra-se em assuntos políticos em que os

recursos estão disponíveis, basta aplica-los de maneira correta para que se tenha condições de uma escola humanizadora.

A educação do Brasil necessita de ações que corroborem a formação do aluno de forma integral, auxiliando-os a tomadas de decisões e criticidade frente ao mundo tão dinâmico. Assim, encontramos uma realidade nada admirável na Educação. Problemas de evasão escolar, baixo rendimento, escolas vista como prisão, ausência de professores, sucateamento, entre tantos. (MALDONADO, 2015, p. 17).

A qualidade do ensino é o ponto principal da educação, prezar sempre pelo melhor, mas não se deve apelar por só pensar que deve ser o melhor, sempre procurar a inovação e a qualidade, mas na medida do possível sem que falte argumentos e objetivos para chegar até o esperado.

Os professores em sua grande maioria prezam por uma educação de qualidade e que atenda a todos os envolvidos de forma satisfatória, mas no meio do caminho se encontram ‘pedras’ as quais muitas vezes são difíceis de ser removidas e que prejudicam no processo afetando os principais nessa etapa: os alunos. Dessa maneira, percebe-se a importância de que todas as etapas prossigam de forma correta, fácil e ágil para que nenhum dos envolvidos saia perdendo quando se trata de educação.

Segundo Tedesco e Rebelatto (2012, p. 7),

Ora, pensar na qualidade social na educação brasileira pressupõe compreender primeiramente a própria comunidade. Identificando todos os aspectos correspondentes as questões econômicas e culturais das pessoas que vivem em suas respectivas regiões.

Cada aluno chega na escola com uma cultura, um modo de vida, seus hábitos, os quais muitas vezes são diferentes entre

os alunos dessa maneira, tornando-se empecilhos para algumas situações e cabe ao professor estar alerta e saber lidar com as pedras do caminho, as situações que acontecem no decorrer dessa caminhada escolar devem ser mediadas de forma que não atinja nenhum dos envolvidos de forma maléfica.

2.2 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA O USO DAS NTIC'S

Como conseguir capacitar os professores para a utilização do uso das tecnologias na sala de aula? Pergunta complicada de ser respondida. Se os educadores não tiverem incentivo da direção não haverá vontade de levarem para sala de aula a fonte tecnológica. Por outro lado, se a direção auxiliar os professores com cursos, e capacitações para usarem está fonte os professores terão uma âncora, não é fácil trabalhar algo novo sem ter incentivo, professor deve se manter atualizado se for ao contrário os alunos passaram a sentir a falta dessa ferramenta.

A distribuição de *Tablets* nas escolas não quer dizer que estão a investir em tecnologia para os professores, se não ocorrer de alguma forma capacitação para ajudar os professores a entenderem esta ferramenta não terá maior importância, mas os mesmos devem estar preparados para uma nova visão, estar aberto a um novo mundo.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p. 128).

Segundo Ramos (2012, p. 7), “os professores, neste contexto de mudança, precisam saber orientar seus alunos sobre onde e como colher informações, como tratá-las e como utilizá-las, ensiná-los a pesquisarem.” O primeiro passo para o êxito é a instrução, se o mediador souber interferir e auxiliar na pesquisa, busca pelas informações será um grande passo para transformação de informação para conhecimento.

Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” Portanto não é porque as crianças são outras que deve se repetir planos por anos e anos, os educadores precisam estar sempre em inovação, aprimorar os novos conhecimentos. As tecnologias servem para auxiliar às inovações solicitadas, sempre buscar o melhor ao conteúdo que é preciso ensinar, de nada adianta o ensino “bancário”, em que as informações são depositadas e que logo após serão esquecidas e nem sequer serão utilizadas.

O professor deve conhecer o que as novas tecnologias têm a oferecer e agregar a si mesmo, e para seus educandos. De qual forma possibilita um melhor aprendizado e conhecimento. Deve-se ajudar seus educandos a enfrentarem suas dificuldades e anseios, com a ajuda da tecnologia e das ferramentas nela depositadas. A utilização da tecnologia está cada vez mais inserida no âmbito da sociedade em geral, a exigência do mundo atual acarreta englobar as informações em questões de segundos.

Diante disto, acredita-se que as TCI podem trazer benefícios significativos para a educação, seja ela à distância ou presencial, porém, é fundamental que os professores que vão fazer uso destas tecnologias tenham capacidade de reconhecer tanto as vantagens, as limitações e os cuidados que devem ser tomados, como também as implicações do uso destas tecnologias, para a educação em particular

e para a sociedade como um todo, para que esses instrumentos possibilitam uma melhora efetiva da qualidade das aulas ministradas. (DANTAS, 2005, p. 15)

Quando propomos o assunto contextos educativos nos vem à tona o conceito que envolve todo o processo, a formação, a formação do ser, a formação de pais, adultos conscientes, consumidores, formação de personalidade, segundo Vaillant e Marcelo (2012, p. 28) “outro conceito chave é o de ação formativa, atividade formativa ou ações de formação”. Ensina-se os alunos para ensinar, desde os princípios são moldados com ensinamentos que formam ações as quais levarão em conta as diversas situações de suas vidas.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2000, p. 47).

Toda fase inicial é complicada, qualquer começo traz consigo as incertezas, o medo, ‘aquele frio na barriga’, mas com a criatividade de educador se supera tudo, todos sabem que a tarefa é difícil, mas jamais desistem e buscam-se meios para facilitá-la, pois já dizia Dantas (2005, p. 20) “a formação inicial pode ajudar o futuro professor a produzir e legitimar os saberes que irá utilizar na sua profissão, fato que certamente diminuiria o choque com a realidade, característico das primeiras experiências do professor no seu ambiente de trabalho.”

Dantas (2005, p. 24) “conclui que, porém, pode-se perceber que as escolas e os professores não se encontram capacitados para utilizar adequadamente essas tecnologias, entre

outros motivos, devido à deficiente formação inicial que lhes é fornecida pelos cursos universitários.” Portanto é de grande valia a formação continuada e o acompanhamento do aprendizado do educador nessa nova fase difícil que está a enfrentar, é necessário apoio para que consiga resultados significativos.

No cenário atual em que a educação está, enfrentam-se dificuldade de inserir o “novo” em sala de aula, as barreiras são grandes, os obstáculos também. Professor deve ser persistente sem ter medo de novidades, o novo sempre dá medo até conhecer realmente os seus benefícios e o que deve ajudar em sala de aula para deixar suas aulas mais desejantes e aprendentes.

Hoje, os professores se vêem diante do que pode ser considerado, ao mesmo tempo, um grande desafio e uma grande oportunidade: utilizar as TCI como meio para construir e difundir conhecimentos, e ainda, para concretizar a necessária mudança de paradigma educacional, centrando seus esforços nos processos de criação, gestão e regulação das situações de aprendizagem. (DANTAS, 2005, p. 15).

Segundo Vaillant e Marcelo (2012, p. 29), “a formação, como vimos propondo, apresenta-se a nós como um fenômeno complexo e diverso em torno do qual existem escassas conceitualizações e ainda menos acordos com respeito a dimensões e teorias mais relevantes para a sua análise”, formam-se mentes conscientes a partir do momento que se sabe da realidade, meio social, dos contextos e que é iniciado a mudança, mudança está aceita pelos sujeitos envolvidos com uma participação e envolvimento agregando todos os valores e ensinamentos. Dessa forma se tem resultados positivos em relação ao seu desenvolvimento.

Estuda-se por necessidade das coisas, pois precisa de formação, de profissão, a maioria busca ser o melhor na sua profissão, na sua área quer ser o exemplo, mas para isso é preciso

inovação, a busca pelo novo, ter o senso crítico e buscar cada vez mais adquirir conhecimentos usando as novas tecnologias da informação e comunicação, pois já citava Mercado (1999, p. 27):

As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Ainda em Dantas (2005, p. 19), “pode-se perceber que faz muito tempo que os pesquisadores da educação apontam para a necessidade de os professores utilizarem as TCI como estratégia para elevar a qualidade da aprendizagem dos seus alunos e atender às novas e diversas exigências que se apresentam.”. Uma forma de incrementar o ensino de maneira prazerosa e que cativa os alunos, pois utilizara o que tem de novo e aquilo que eles gostam e querem usar no seu cotidiano.

As instituições de ensino superior deveriam começar a preparar os profissionais para que enfrentem esse momento com o uso dessas novas tecnologias que estão cada vez mais avançadas, pois Stahl (1997, p. 312) considera que “a inclusão de uma disciplina específica nos cursos de formação de professores parece ser o caminho para que todos os futuros professores cheguem às escolas dominando certas habilidades.”.

É possível buscar auxílio dos alunos, suporte deste que muitas vezes fará com que aprenda como fazer um vídeo ou montar uma tabela no *Excel*, por exemplo, coisas que parecem simples, mas que exige a prática, algumas pessoas tendo acesso buscam os recursos e conseguem auxiliar as demais nesse momento. Paiva já citava (2013, p. 10) “pelo que vimos até agora, a formação do professor para uso da tecnologia, raramente acontece de forma sistematizada. Isso não é dife-

rente no Brasil, onde a formação tecnológica fica, geralmente, restrita a iniciativas individuais”.

Deve-se aliar a teoria e a prática, a alternativa ocorre com a conjugação entre conhecimento e vivência quanto mais se exercita alguma tarefa mais fácil será lembrada, de nada adianta ter cursos sobre como utilizar e não explorar os recursos para aperfeiçoar e descobrir coisas novas, a prática ‘leva a perfeição’, quanto mais for explorado, mais aprendido será adquirido ao decorrer do tempo e estes poderão ser utilizados nas aulas práticas com os alunos, pois só pensa quem é estimulado a pensar, a partir do momento que você lê um livro, por exemplo, automaticamente está sendo estimulado a escrever e a ler novos livros:-

A minha maior fonte de informação é a própria web que exploro com o auxílio do Google. Na web, encontro manuais e tutoriais e mantenho-me atualizada, visitando blogs e páginas especializadas, como, por exemplo, o Centre for Learning and Performance Technologies que, anualmente, elege as 100 melhores ferramentas para aprendizagem, muitas delas gratuitas. Outra fonte de aprendizagem são os periódicos como o Calico (disponível no portal da CAPES), TESL-EJ (<http://tesl-ej.org>) e o Language Learning & Technology (<http://llt.msu.edu/>), dentre muitos outros. No Brasil, duas boas páginas são as de Vilson Leffa e seu projeto ELO (<http://www.leffa.pro.br/>) e a página da Associação Brasileira de Hipertexto (<http://www.abehte.org/>). Não posso deixar de mencionar o ensaio e erro como uma de minhas estratégias. Muito tenho aprendido ao tentar, errar, e recomeçar quantas vezes for preciso. (PAIVA, 2013, p. 12).

Nessa reflexão percebesse o anseio de mudança nas práticas pedagógicas educação básica e busca compreender

de que forma é utilizada as tecnologias e quais seriam as dificuldades para quem sabe aprimorar de maneira que auxilie nas barreiras apresentadas durante a adaptação, pensa-se que nada é impossível se for com dedicação e amor pela profissão, educar é também amar, por conta disso uma das principais tarefas que é adquirir conhecimento deve ser levada em consideração para que seja transmitida aos educandos na trajetória de um futuro educacional e humanizador:

Fornecer ao futuro professor, tanto as condições básicas para que este possa fazer uso dos recursos tecnológicos que lhe são disponibilizados, respeitando a realidade em que está inserido, quanto os subsídios necessários para que ele possa, ao longo de sua carreira, dar continuidade a sua formação que, em tempos de globalização, como já foi dito, deve ser permanente. (DANTAS, 2005, p. 25).

A tecnologia de forma alguma se apresenta como a solução de todos os problemas da educação, muito pelo contrário chega para auxiliar nessa etapa de inovação, interdisciplinaridade e comprometimento com a qualidade de ensino, traz ferramentas que beneficiam na facilidade e compreensão de diversos conteúdos que serão explanados pelos professores.

FORMAÇÃO CONTINUADA: PERSPECTIVAS DE REFLEXÕES E INDAGAÇÕES EM DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS

A partir da coleta de dados das duas escolas caracterizadas em contextos diferentes, pois uma é pública e outra privada, segue nessa nova etapa da reflexão os resultados das análises das entrevistas realizadas com os professores e as respostas dos questionários aplicados com os estudantes nesses dois espaços educativos, tratam-se de instrumentos de pesquisa que possibilitam pensar no **uso de recursos tecnológicos na formação humana nas séries iniciais**.

A intenção dessa reflexão é de se aproximar mais com a realidade dos educandos e dos professores no sentido de compreender de maneira concreta como funciona o uso das tecnologias na educação. Dessa forma, escolheu-se na pesquisa bibliográfica aqueles que falassem sobre essa temática comparando com a realidade das duas escolas investigadas:

Uma grande contribuição do Método para os educadores, como auxílio na tarefa de compreender o fenômeno educativo, diz respeito à necessidade lógica de descobrir, nos fenômenos, a categoria mais simples (o empírico) para chegar à categoria síntese de múltiplas determinações (concreto pensado). Isto significa dizer que a análise do fenômeno educacional em estudo pode ser empreendida quando conseguimos

descobrir sua mais simples manifestação para que, ao nos debruçarmos sobre ela, elaborando abstrações, possamos compreender plenamente o fenômeno observado. Assim pode, por exemplo, um determinado processo educativo ser compreendido a partir das reflexões empreendidas sobre as relações cotidianas entre professores e alunos na sala de aula. Quanto mais abstrações (teoria) pudermos pensar sobre esta categoria simples, empírica (relação professor/aluno), mais próximo estaremos da compreensão plena do processo educacional em questão. Para Marx, nas análises econômicas de O Capital, a categoria simples (empírica) foi a mercadoria, da qual foi possível, a partir de abstrações, compreender a economia capitalista. (PIRES, 1997, p. 88).

Dessa forma, na apresentação dos dados a escola privada é representado pelo símbolo **X** no contexto da explanação, sendo que a escola pública é o símbolo **O**, para melhor expor a opinião de alguns dos professores entrevistados segue tabela 2 características do perfil docente:

QUADRO 1 – Características dos docentes

PERFIL DOS DOCENTES				
SUJEITO	IDADE	ANOS DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO	ESCOLA
A	37 anos	17 anos	Letras português – espanhol	Privada
B	43 anos	23 anos	Pedagogia – especialização e séries iniciais	Privada
C	25 anos	3 anos	Cursos técnicos -profissionalizante em música	Privada
D	46 anos	19 anos	Pedagogia com habilitação em séries iniciais, matérias pedagógicas e orientação	Privada
E	34 anos	15 anos	3º grau incompleto	Privada
F	27 anos	8 meses	Educação física	Privada
G	29 anos	6 anos	Licenciada em Pedagogia	Privada
H	36 anos	12 anos	Educação física – licenciatura plena	Pública
I	48 anos	15 anos	Pós-graduada em artes e psicopedagogia	Pública
J	38 anos	15 anos	Pós-graduação anos iniciais	Pública

PERFIL DOS DOCENTES				
K	33 anos	12 anos	Pós-graduação	Pública
L	46 anos	19 anos	Pedagogia com habilitação em séries iniciais / Mat. Pedagógico do 2º grau e orientação	Pública
M	52 anos	15 anos	Pós-graduação	Pública

Fonte: os autores¹

Em suma, a maioria dos professores entrevistados tem mais de 30 anos e atuam há vários anos na profissão. Dessa maneira, esses professores iniciaram sua vida profissional na época do método tradicional e foram ensinados por professores que utilizavam dos métodos clássicos. Desse modo sentem dificuldade diante de inovação, de incluir esses novos recursos que tem à disposição, pois alguns tem diferença de 4 décadas com relação a idade dos alunos, sabendo que os alunos já nascem em um meio tecnológico e tem acesso a todas as modernidades. Os jovens de hoje em dia estão mais atentos as novas tecnologias e tem maior facilidade em utilizá-las por isso acredita-se que a nova geração de professores que estão por vir terão cada vez mais facilidade de fazer acontecer o projeto de inclusão da tecnologia na escola em perspectiva humanizadora.

As entrevistas foram direcionadas para investigar os professores e os questionários para os alunos de uma escola pública e de uma escola privada. Para análise seguiu-se uma amostragem dos alunos com margem de erro de 5% repre-

¹ Nas duas escolas o quadro efetivo corresponde a 21 professores nas séries iniciais, foram entrevistados 13 e 8 optaram por não participar da pesquisa.

sentado cada série para responder o questionário para que se chegue a um resultado final. A pesquisa será da seguinte maneira, na escola privada foram entrevistados 10 professores, de um total de 55 alunos, foram recolhidos 48 questionários, já na escola pública de um total de 102 alunos, distribuídos em 5 turmas (séries iniciais), com margem de erro de 5% foram recolhidos 81 questionários e 11 professores a serem entrevistados.

Para melhor compreensão dos sujeitos pesquisados, segue uma tabela com informações dos sujeitos de pesquisa:

Tabela 2 – Amostra total de aluno e professores

QUANTIA DE AMOSTRAGEM DE ALUNOS E TOTAL DE PROFESSORES			
ALUNOS ESCOLA PÚBLICA	ALUNOS ESCOLA PRIVADA	PROFESSORES ESCOLA PÚBLICA	PROFESSORES ESCOLA PRIVADA
81	48	11	10

Fonte: os autores

Os sujeitos são professores de séries iniciais, assim como os alunos. Desse modo, foram entrevistados os professores em sua totalidade com recusa de três professores na escola privada e cinco na pública. Foram analisados, segundo Richardson (2010 p. 95), “[...] a escolha de um local adequado de pesquisa e a familiaridade do pesquisador com os membros do grupo são aspectos fundamentais na pesquisa qualitativa.”

Para Silveira e Gerhardt (2009, p. 31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Toda análise desta obra tem como ponto de partida o fundamento no método

histórico dialético, sempre buscando realidade dos alunos e professores assim mesmo como no contexto escolar.

O estudo se baseou em três categorias que buscam mudar a educação de forma relativa: **formação humana e a qualidade da educação, o uso dos recursos tecnológicos e formação continuada**. Essas categorias constituem as bases analíticas dessa investigação, buscam levantar algumas questões que são muito importante no dia a dia do professor e do aluno, pois se aliar ao conhecimento do professor, estar em constante atualização e aperfeiçoamento para promover uma educação humanizadora e ter como ferramentas os recursos tecnológicos fará a diferença e contribuirá para uma educação de qualidade.

3.1 A FORMAÇÃO HUMANA E A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

A sociedade corrói e afeta os dias das crianças. Dessa maneira, tem-se problemas e somos manipulados por tempo e ao correr atrás do que é preciso para “sobreviver”, as crianças sentem muito mais o impacto que isso gera, portanto deve-se trabalhar com amor e sentimento, humanização é a palavra que define esse conceito, a formação humanizada para que possamos deixar de lado os problemas que muitas vezes atrapalham no processo de ensino aprendizagem. Segundo Moran (2001, p. 5), “um dos desafios é como transformar a informação em conhecimento e em sabedoria. Sabedoria é um conhecimento integrado com a dimensão ética. A universidade prepara para o conhecimento. Mas o conhecimento pode ser usado para explorar o outro, para manter a desigualdade de um país.”

Sujeito (G) quando interrogado sobre os desafios na sala de aula de utilizar os recursos tecnológicos cita que “o maior desafio é reter a atenção dos alunos, pois naquela escola todos possuem acesso imediato a tecnologia.” Cita ainda que “durante

as aulas de pesquisa querem mostrar aos demais colegas as suas preferências.” Na fala desse docente, percebe-se que a sociedade influencia na formação humanizada do indivíduo, pois os alunos citados em instante sentem dificuldade em reter atenção porque estão rodeados de informações.

Diante das problemáticas do dia a dia que os familiares e a sociedade enfrentam, vida agitada ao qual muitas vezes nem se consegue dar atenção a criança que está consigo, o papel do professor mediador é entender a realidade e buscar com sua compreensão auxiliar as crianças para que possam ter mente aberta ao conhecimento, acalme os corações e a mente para que tornem a informação em aprendizado, pois já dizia **Sujeito (J)** que “percebe que os alunos ficam mais agitados quando se utiliza o recurso tecnológico e muitas vezes não colaboram e acabam não entendendo o conteúdo como um todo.”

Percebe-se que o envolvimento da família na escola é benéfico para que se tenha ótimos resultados, pois auxilia e motiva os alunos a buscar e produzir trabalhos com qualidade de elevado padrão, assim estimula para que a família visite o ambiente escolar com mais frequência, pois se os professores elogiam os estudantes para seus familiares, o seu desempenho será melhor e sempre irá desejar mais para que possa ter o que mostrar quando a família visita a escola, percebe-se que os docentes também pensam ser importante pois **Sujeito (K)** relata que “utiliza das redes sociais como o *Facebook* (página da escola) para postagem de fotos dos eventos e trabalhos realizados pelos alunos.”

A construção do conhecimento, portanto não está apenas nas mãos daqueles que repassam o conteúdo, precisamos de pessoas preparadas para ensinar sim, mas acima de tudo aprender, de falar aos seus ouvintes, mas também que saiba escutá-los, ver, mas querendo também enxergar o outro e

também a si mesmo, pois é neste momento que há a interação aluno versus professor e a construção do saber. (SILVA, 2009, p. 20).

Sujeito (B) consta que “tem contato com os pais e alguns alunos pelas redes sociais, para mantê-los informados sobre dicas de estudo e realização de temas e trabalhos.” Percebe-se com o relato desse professor que fortalece o laço família e escola com a utilização de tecnologia, com isso pode-se encontrar um ponto benéfico com o uso de recursos tecnológicos e com uso das redes sociais de forma consciente. Tem-se o lado da divulgação de imagem que é autorizado pelos pais antes que seja postado algo a respeito de seu filho, mas em contrapartida até que ponto é bom se ter muita divulgação, exposição de imagem? Valoriza os trabalhos realizados e incentiva o estudo, mas de certo modo também expõe as crianças ao “perigo”.

Muitas são as contribuições dos recursos tecnológicos para o processo de ensino aprendizagem, dentre os quais podemos destacar, a mudança significativa da função do educando, que nesse universo de conhecimentos, nessa imensa rede interativa, passa a se tornar sujeito da própria formação, frente à diferenciação e riqueza dos novos espaços de conhecimento dos quais deverá participar. (SOUSA; CARVALHO; MARQUES, 2012, p. 6).

A percepção do professor no momento que está a ensinar o conteúdo é fundamental, muitas vezes a criança não interage pois não se sente bem ou não lhe interessa o assunto, portanto o mais importante é ouvir os alunos, se naquele determinado instante ele está a sugerir um assunto diferente mas que se encaixa no planejamento futuro, porque não parar o conteúdo e ensinar o que o aluno realmente quer aprender, pois esse assunto terá certeza que prestara atenção e levaram algum aprendizado pois foi de seu interesse.

O desafio é como sermos educadores, comunicadores de pessoas competentes e integradas. Creio que nós não precisaríamos de tantas teorias pedagógicas, se fôssemos pessoas mais amadurecidas. Na hora em que você é uma pessoa mais integrada, mais amadurecida, mais equilibrada, o seu processo de comunicação com esse aluno flui, a sua credibilidade aumenta, a forma como você comenta as coisas chama a atenção dele. Esse é um processo em que muitas pessoas não acreditam. Costumamos ter a visão de que tudo é imperfeito, de que já conseguimos aquilo que podíamos, de que a vida é assim mesmo, e esperar mais é uma bobagem. Perdemos o idealismo, deixamos de acreditar, principalmente na fase adulta, na capacidade de mudar. (MORAN, 2001, p. 6).

Encontra-se ainda crianças com diversos perfis e cada uma com uma forma de aprender, com isso os professores devem compreender cada caso e auxiliar no ensinamento com diversas metodologias para que aprendam em uma totalidade, deve se ter 'cartas na manga' para o ensinar de forma humanizada, lúdica e atrativa, para se ter a certeza que ninguém ficará de certa forma desamparado de estudo.

Diante disto, os professores necessitam de formação para interagir com uma geração mais atualizada e mais informada, pois a sociedade tem avançado dia após dia em suas vastas áreas/dimensões e com o advento da tecnologia não poderia ser diferente. A área tecnológica tem tomado uma proporção grandiosíssima ao longo dos anos. As escolas, no entanto, por serem parte indissociável desta sociedade crescente (tecnologicamente falando) sentiu a necessidade de apropriar-se também do uso

das tecnologias como um instrumento de difusão e propagação da educação. (SOUSA; CARVALHO; MARQUES, 2012, p. 4).

Os alunos de uma forma geral veem os professores como pessoas boas e que estão sempre prontos a ajudar, pois se o professor falara algo para ele é o certo e com certeza repassará isso a diante, portanto deve-se educar com amor e quando for preciso dar muita atenção e dialogar com os alunos, pois, dessa forma, você estará a cativá-los de uma maneira com que eles irão te respeitar e julgar como necessário os ensinamentos propostos.

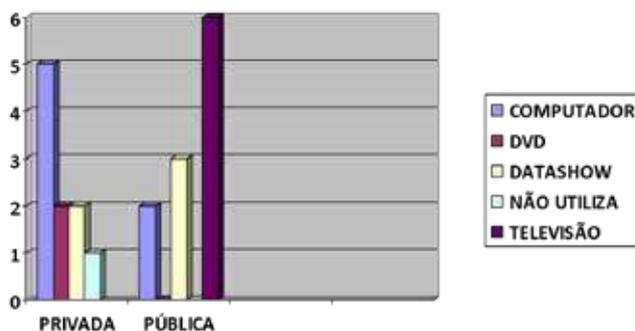
3.2 ABERTURAS NA APRENDIZAGEM COM O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS

Quando explanada a questão de desafios do uso das tecnologias na sala de aula, professores do ensino privado constam que uns dos maiores desafios é reter a atenção dos alunos, pois na escola a maioria possui acesso imediato, alguns comentam sobre a conscientização para que seja usado de maneira educativa e não somente com *redes sociais*. Em contrapartida os professores da escola pública sofrem com falta de tomadas, claridade na sala que atrapalha muitas vezes o uso de um retroprojeter, por exemplo.

A falta de capacitação e orientação dos professores pode levá-los ao uso das TICs de forma que reproduza o velho por meio do novo, ou seja, levar os alunos para fazer pesquisa na internet, quando eles já faziam isso na biblioteca, ou para ler enciclopédias eletrônicas, o que também já era feito na biblioteca, nos livros impressos. Enfim, é necessário ressignificar o uso dessas tecnologias como formas (metodologias) diferenciadas e específicas para esses casos. (NOGUEIRA, 2014, p. 20).

Conforme entrevista com os professores pode-se constatar os recursos tecnológicos mais utilizados, pode-se perceber que alguns professores utilizam mais de um recurso e relataram todos os recursos que utilizam, no gráfico a seguir observa-se quais dos recursos são utilizados em sala de aula para tornar a aula mais atrativa e desejante.

Gráfico 1 – Tipos de recursos utilizados em sala de aula



Fonte: os autores

A sociedade e todos os meios que tem corrompem a criança, pois é fácil de colocar uma ‘ideia’ na cabeça da criança e ela irá acreditar que seja realmente verdade, se ela assistir na televisão, por exemplo, que comer frutas faz mal para saúde, mesmo com professor, pais, colegas dizendo de que não é verídica a informação ela continuará acreditando pois apareceu na TV, por isso é preciso conscientização e todo cuidado com os recursos que as crianças estão a utilizar.

Na educação não formal os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos fora das escolas, em locais informais, locais em que há processos interativos intencionais. A educação não formal possui um sentido e significado no campo da educação visando à transfor-

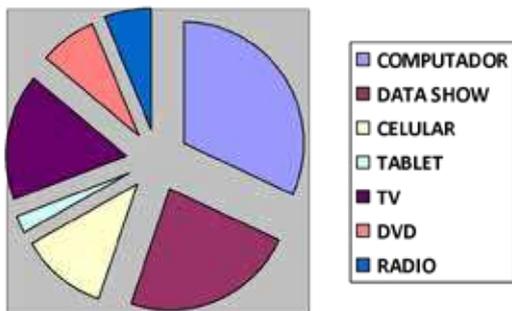
mação da realidade social. É mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Por fim, a educação não formal define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, realiza-se fora dos quadros do sistema formal de ensino. (EIDT; TEDESCO; REBELA-TTO, 2015, p. 52-53).

A partir das respostas dos discentes pode se perceber que na **Escola (O)**, a televisão é a mais utilizada com os alunos dessa maneira pode se perceber que a metodologia utilizada baseia-se em filmes sobre os assuntos e vídeos educativos, seguida de data show e computador, na mesma perspectiva a **Escola (X)** se utiliza mais do computador como principal recurso para pesquisa e aulas mais atrativas e lúdicas. Nessa mesma escola, encontra-se professores que não se utilizam das tecnologias para suas aulas, baseado na pesquisa os professores da **Escola (O)** utilizam mais os recursos do que os professores da **Escola (X)**.

Os alunos foram interrogados sobre o uso das tecnologias relatam que tem várias contribuições, na **Escola (X)** a maioria dos alunos comentam que as aulas ficam mais divertidas e interessantes, é um momento de conhecer coisas novas, pesquisar o que não sabe, e o melhor de tudo é ficar informado, pesquisar as coisas que as professoras não sabem. Na **Escola (O)** constam que buscam conhecimento, informação, leitura, pensam que é divertido e legal aprender dessa maneira.

Os alunos perguntados se utilizavam os recursos a maioria de ambas as escolas respondeu que sim e constaram alguns dos recursos que utilizam dentro e fora de sala de aula.

Gráfico 2 – Utilização de recursos alunos escola (X)

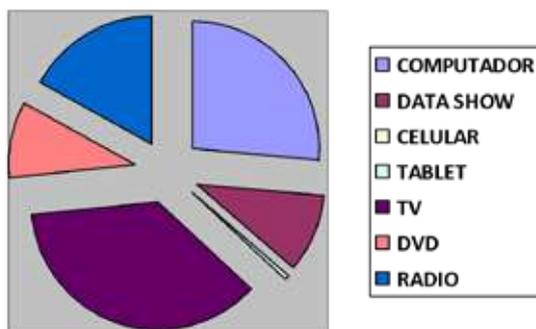


Fonte: os autores

Construção da qualidade social da educação é preciso estar atentos a quesitos e inovar para que essa construção seja de forma coletiva e que não corrompa os processos educacionais transformando as escolas em locais formadores de seres críticos, pois já diziam Eidt, Tedesco e Rebelatto (2015, p. 54) que “educar não é apenas contribuir para aquisição de conhecimentos, competências e habilidades, certamente necessários, mas é, principalmente, preparar as crianças para sua participação num mundo comum.”

Ressalta-se a grande diversidade de eletrônicos que os alunos possuem o manuseio, muitos utilizam somente na escola, mas a grande maioria tem acesso e usa em casa a tecnologia. Dessa maneira, vale alertar sobre o uso excessivo do celular, por exemplo, que é possível extrapolar as barreiras fisiológicas da criança, afeta o sono e a hora de comer e começa a se ultrapassar os limites, portanto é importante que os pais auxiliem os professores nesse uso consciente e educativo das tecnologias.

Gráfico 3 – Utilização de recursos alunos da escola (O)



Fonte: os autores

Percebe-se o amplo acesso de tecnologias que os alunos têm, cerca de 40% das crianças possuem uma televisão em casa, alguns ainda tem acesso a *tablets* e celulares, e sabe-se que a mídia é manipuladora e torna os telespectadores consumidores. Dessa maneira, uma atenção deve ser dedicada aos programas que a criança assiste, pois muitas vezes elas ficam na televisão para que os familiares possam fazer serviços de casa ou até mesmo trabalhar, deixando as crianças “livres” para assistir o que desejarem.

A tecnologia nos ajuda, mas também nos complica. Tem um lado que nos favorece e um lado que nos controla: essas câmeras que eles colocam nas grandes cidades que servem para observar o trânsito e também para vigiar os cidadãos, para controle dos movimentos sociais. Temos também muitas ambigüidades no uso das tecnologias. Então, como sociedade nós avançamos muito sob o ponto de vista tecnológico. (MORAN, 2001, p. 6).

Algumas escolas sofrem para inclusão da tecnologia por falta de recursos e estrutura física, interrogados os alu-

nos da **Escola (X)** 44 alunos respondem que a escola investe sim em recursos tecnológicos, 2 não opinaram e dois foram contrários à ideia negando que se é investido em recursos na escola, na **Escola (O)** temos a mesma situação de 81 alunos apenas 2 negaram o investimento dos recursos. As realidades das escolas Brasileiras ainda estão sendo insuficiente quando se trata de inclusão de recursos tecnológicos, pois jamais acompanhara a tecnologia que está a se apresentar de forma que evolui rapidamente, apresenta dificuldade no quesito recursos financeiros.

A Tecnologia como meio facilitador da aprendizagem ainda é algo novo nas escolas, e é “este novo” que abrirá portas para que o conhecimento seja visto como uma nova ferramenta para se alcançar o “saber fazer educacional”, pois em alguns momentos faz-se necessário despir-se de conceitos tradicionalistas e vestir-se com estes novos ideais. (SOUSA; CARVALHO; MARQUES, 2012, p. 8).

Mas ainda existem diversas maneiras de se utilizar das tecnologias que se tem em mãos, por exemplo, se todos tiverem acesso a tablet ou celular liberar um dia para que possam levar para sala de aula para que se tenha uma aula diferente e atrativa, com certeza todos ficarão ansiosos e irão aprender com isso. O uso das calculadoras, pode-se utilizar sim para fazer uma aula de matemática diferente nas séries iniciais, se os alunos não tiverem acesso há diversas outras maneiras de se montar uma aula diferente com os recursos que temos disponíveis.

É possível utilizar dos recursos tecnológicos em que os pais e alunos podem interagir com os professores. Pode-se usar a tecnologia até mesmo para interação entre os professores da escola, um grupo de estudo *online* em que podem trocar ideias e tornar suas aulas interdisciplinares, que seja um momento

de grande aprendizado. Acredito que a maioria dos professores hoje em dia tem um celular com acesso à internet e que podem utilizá-lo para estudo. Só não estão instruídos para esse uso consciente, pois é mais fácil copiar as informações prontas e acabadas e passar, dessa maneira, do que pesquisar em vários locais e montar uma ideia própria. Acredita-se que, em breve, os professores podem se unir utilizando essa tecnologia e tendo muito mais estudo e informação.

A tecnologia da informação faz uso dos meios eletrônicos, possibilitando o acesso de novos públicos ao conhecimento em locais distantes e dispersos geograficamente, enquanto as tecnologias da comunicação permitem hoje que os profissionais se atualizem através de cursos de EAD via rede de computadores. Estes recebem também os materiais escritos e audiovisuais que compõe não só a infra-estrutura mas são também complementares a qualquer ensino a distância. (AYRES, 2003, p. 38)

A tecnologia facilita muito o processo da informação e a rapidez dela torna possível falar com pessoas do outro lado do mundo, mandar e-mails imediatos, basta saber utilizá-la de forma consciente e proveitosa. A educação de certo modo também deve evoluir tão rápido como as tecnologias, pois todos tem sede de saber e buscam coisas novas, e o docente e equipe pedagógica da escola devem criar estratégias e conseguir evoluir a educação e estar um passo à frente de seus educandos no quesito inovação. Dessa forma, já dizia Ayres (2003, p. 38):

A incorporação destas novas tecnologias no meio educacional propiciam o desenvolvimento de ações cooperativas visando o crescimento individual e coletivo, bem como ações interativas que buscam a iniciativa, a flexibilidade e a autonomia do sujeito. Possibilitam também que as pes-

soas troquem informações, dados e pesquisas a qualquer hora e lugar.

A tecnologia se bem orientada e utilizada auxilia no processo de ensino aprendizagem, pode se perceber com a pesquisa realizada de que a tecnologia está sendo aos poucos utilizada, mas ainda é preciso uma orientação maior a respeito da consciência de seu uso, a etapa de inclusão já está em andamento. Dessa maneira, estamos em um momento conturbado ainda para avaliar a melhor maneira de utilizar nos processos pois está em “testes” em que os professores estão em fase de adaptação. Do mesmo modo pode se perceber a importância e a necessidade das tecnologias, o problema maior é que as escolas, professores e alunos não são da mesma geração, percebendo dessa maneira a dificuldade de aliar as tecnologias de sua época acompanhando a inovação.

3.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES NO USO DE DIVERSOS RECURSOS TECNOLÓGICOS

Construir práticas pedagógicas no coletivo junto à equipe escolar. Percebe-se a lacuna de que falta incentivo para os professores buscar por mais formação e dialogar para que a educação seja de forma interdisciplinar, pois já dizia o autor Ayres (2003, p. 6) “O professor deve ser um sujeito ativo e responsável pelo seu desenvolvimento profissional, pois só através dele terá instrumentos para pensar sobre a sua atuação, para tomar decisões e investir na sua própria formação.” Por isso em nossas indagações, consideramos que:

O professor precisa ter muita flexibilidade e capacidade de adaptação neste processo. Criar muito, estar atento para ver se está indo tudo bem, mudar a estratégia, as dinâmicas. Às vezes, uma aula no laboratório não está funcionando, trava a

rede, tudo fica lento... aí tem que mudar, tem que prever alternativas. Se travou a rede, invente outra atividade, tenha uma segunda proposta para dar continuidade à aula. (MORAN, 2001, p. 14).

Como transformar os recursos em práticas pedagógicas e com uma perspectiva humanizadora? Estar em constante aperfeiçoamento e nunca parar de estudar é uma das estratégias para um professor ser bem-sucedido, o estudo nunca é demais, cursos e formações que agreguem valores na vida do professor e que fazem parte de uma etapa necessária para um crescimento profissional e pessoal, surgem algumas oportunidades no meio do caminho, mas muitas vezes são perdidas e após fazem muita falta:

Embora de acordo com o autor haja dificuldades e desestímulo dos educadores, por parte das pessoas que estão no topo do sistema educacional, que por coincidência são os mesmos que pressionam para uma reformulação educacional a fim de acolher e incluir todos na escola, apesar disto precisamos lembrar aos nossos educadores que o trabalho de vocês vai muito além do repasse da matéria, há também o compromisso social, moral e humano, que contribuirá para a formação de pessoas que vão construir o conhecimento com criticidade e futuramente mudar este quadro social em que estamos presenciando. (SILVA, 2009, p. 19)

Aprender para ensinar, nenhum ser humano nasce com sabedoria de tudo, aos poucos vai adquirindo os conhecimentos, nem sempre aprende da melhor forma, na questão de repetição, alguns aprendem por vontade de querer saber e é essa vontade que deve ser cultivada, ser buscada através de especializações para que possa passar para seu aluno um ensino prazeroso, humanizante. Deixar marcas em seus alunos, mas que lembrem pela boa educação e que recomendem

os seus ensinamentos, que te encontrem e saibam que foi você que o ensinou a ler da melhor maneira ou a contar os números de uma forma mais fácil e rápida.

Na formação, o professor constrói suas teorias, na ação, ele tem a oportunidade de desenvolver a prática e de construir um aporte que lhe permita desenvolver uma reflexão crítica, e através da pesquisa, pode mobilizar e regular a formação construída com base na prática exploratória. (AYRES, 2003, p. 47).

Que o estudo seja para o professor como será para o aluno, pois de nada adianta ensinar os educandos e não ter a vontade de ir em busca e aprender, pois acha que já sabe o que deve ensinar, o conteúdo, por isso não é preciso buscar mais informações, aquele plano de aula que você fez a 5 anos atrás e o utiliza até então e os alunos ‘aprendem’ não precisa ser mudado, muito pelo contrário, é preciso abrir a mente e pensar que isso tudo começa a se tornar repetitivo e enjoativo e que muitas vezes os alunos também vão ‘empurrando com a barriga’ e estão na escola pela formação que querem acabar logo com isso tudo, lamentável quando se tem situações como essas, com todo aporte que o Brasil tem e ainda tem professores que não buscam estudo.

A formação profissional deve ser entendida como um processo contínuo e permanente de desenvolvimento, onde o professor tenha tempo e condição para desenvolver sua própria aprendizagem para assim contribuir, de forma efetiva, na melhoria da qualidade de ensino. Isto poderá acontecer através de cursos de formação contínua, por exemplo, nas modalidades presenciais e/ou a distância. (AYRES, 2003, p. 7).

Não são somente os alunos que chegam rodeados de problemas que a sociedade os impõe, professores também são

humanos e tem problemas, portanto muitas vezes é preciso de um apoio, cabe a coordenação pedagógica e a direção auxiliá-lo nesse momento para que revigore as suas energias. Dessa maneira, procurar apoio e incentivo também de seus alunos para que auxiliem nessa etapa e que renove o desejo de ir em busca, não é preciso que esteja todos os dias envolvido com cursos e formações, temos o caso da formação continuada a distância que auxilia e o professor pode aliar o seu tempo para que possa dedicar aos estudos para si próprio.

Educação continuada sugere uma constante atualização do professor na qual ele deve buscar participar ativamente das mudanças dentro do seu contexto pedagógico, por meio de questionamentos que possam auxiliá-lo dentro do processo de ensino/aprendizagem. Portanto, seja no sentido de aperfeiçoar-se, capacitar-se ou treinar-se o importante é que ocorra um crescimento profissional consciente que o torne capaz de provocar mudanças e interagir com as mesmas, através de um trabalho de reflexão crítica sobre sua atuação como profissional da educação. (AYRES, 2003, p. 4)

Quando se trata do estudo inovador com uso dos diversos recursos tecnológicos pensa-se que nenhum ser humano saberá lidar em todas as situações com todos os recursos, por isso é indispensável o estudo para que consigam utilizar e aprender manusear alguns instrumentos que sirvam como ferramenta de ensino, os alunos sabem lidar em diversas situações com a tecnologia e pode-se aprender para poder ensinar e utilizar da melhor maneira possível.

É necessário estar aberto para as novidades, aceitar ideias, trocar informações e abrir-se para o conhecimento, não parar no tempo referente a inovações e tecnologia. Sempre ir em frente, pulando obstáculos e dificuldades, pois existem no meio do percurso. As tecnologias são um exemplo claro

disso, se ela parar no tempo a vida de todos também irá parar, pois é através dela que ocorre grandes descobertas para a vida humana. Trabalhar em equipe é um incentivo para ter uma convivência social e afetiva, incluir o grupo no meio do processo educativo é instigador, assim terá resultados positivos e cooperativos juntos.

O processo de formação continuada permite condições para o professor construir conhecimento sobre as novas tecnologias, entender por que e como integrar estas na sua prática pedagógica e ser capaz de superar entraves administrativos e pedagógicos, possibilitando a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno. (MERCADO, 1998, p. 5).

Ensinar não é apenas um ato de amar, ainda mais ao se referir dos alunos que estudam e realizam diversas atividades fora da escola. Torna-se desafiador para os professores assegurar a concentração de seus alunos. Só a educação pode transformar a vida de todas as pessoas. É necessário os alunos ter isso em mente, ainda antes de entrarem na sala de aula. Os professores não têm a obrigação de chegar e dar tudo pronto para seus alunos, sem abrir um caminho do conhecimento até chegarem em um resultado.

A autoformação tem aqui um papel importante e especial que requer um empenho sistemático e cotidiano. Os estudantes não devem esperar que seus professores os apresentem com um “kit básico” que permite religar saberes, áreas de conhecimento, domínios do mundo. Os professores foram formados seguindo os parâmetros da disciplina, da especialidade, em sua grande maioria. (ALMEIDA, 2008, p. 9).

Ensinar não é apenas uma forma de passar conhecimento, mas também de recebê-lo, pois se aprende com o aprendizado do outro. Seja ele de qualquer modo, não existe lugar certo para que haja conhecimento e aprendizado. Pode ser na sala de aula, como também no supermercado. Não há lugar e nem hora, se a pessoa está aberta a receber conhecimento e informações. Claro que deve avaliar se esta for vaga e sem relevância o aprendizado não conta como conhecimento.

A questão fundamental não é a tecnológica. As tecnologias podem nos ajudar, mas, fundamentalmente, educar é aprender a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo para cada um de nós, isto é, o conhecimento. Hoje nós temos inúmeras informações e um conhecimento bem menor, porque estas nos escapam, estão soltas, não sabemos organizá-las. O conhecimento é isso. Além de gerenciar a informação, é importante aprender a gerenciar também sentimentos, afetos, todo o universo das emoções. Educar é um processo complexo, não é somente ensinar idéias, é ensinar também a lidar com toda essa gama de sensações, emoções que nos ajudem a nos equilibrarmos e a viver com confiança. O professor que tem uma atitude de equilíbrio e que inspira confiança, ajuda muito os seus alunos a evoluir no processo de aprendizagem. (MORAN, 2001, p. 4).

Quando se fala da formação do profissional, uma área mais técnica. O professor deve dominar bem o conteúdo que está sendo trabalhado, pois ele formará um profissional para trabalhar ao seu lado. Não se deve pensar que é o seu concorrente, mas sim o seu colega de profissão. Onde poderão trabalhar em conjunto aliar as suas áreas e assim terá mais desenvoltura no seu resultado final. Deve-se respeitar as diferenças e as especificidades do outro, pois ninguém é

totalmente igual a outra pessoa, que bom que existe diferença, imagina como seria uma sala de aula, se todos os professores mesmo com matérias diferentes falassem na mesma maneira, sem nenhuma diferença até mesmo na virgula:

Diante deste quadro é possível observar a importância dos recursos tecnológicos no contexto atual da educação, tendo em vista que não estamos mais sob o paradigma tradicional, mas sob um paradigma educacional emergente, onde o sujeito do processo é o aluno, onde o professor não deve se prender ao conteúdo, mas deve criar e provocar 6 desequilíbrios em seus alunos, por meio de situações problemas desafiadoras e superáveis a fim de provocar a construção do conhecimento e aprendizagem. (SOUSA; CARVALHO; MARQUES, 2012, p. 6).

Em seu processo de formação os professores devem conseguir aliar o seu conteúdo trabalhado com a realidade existente no seu contexto escolar. Nada adianta falar das belezas existentes em um outro ambiente, se não trabalhar as belezas que existe onde você mora, seria como excluir a sua realidade. Mas é claro que depois de mencionar a realidade que você vive pode trabalhar os outros ambientes.

Planejar as aulas é, ao mesmo tempo, construí-las com processos participativos. Eu diria que isso é um desafio. Como fazer? Eu encontrei a minha forma na minha situação concreta, mas não foi de fundo tecnológico, foi um processo mais de percepção, de que envolvendo o aluno, tornando-o mais participativo, ele aprende mais. Ele aprende melhor do que somente me ouvindo. Ele aprende melhor interagindo, pesquisando. (MORAN, 2001, p. 10).

Crianças e adolescentes que não aprenderem que estar dentro de uma escola é necessário para a vida, devem ter um acompanhamento especial pela coordenação da escola. Nada adianta o professor se expor em fazer de suas aulas mais atrativas e criativas se os alunos não tiverem a mínima consideração por eles mesmos, e pelos professores. Por essa e outras maneiras que as escolas não estão conseguindo lidar com alguns alunos que estão desmotivados, que precisam ser cativados para que criem o desejo e prazer pelo estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente reflexão constituiu-se a partir da discussão sobre o uso de recursos tecnológico na formação humana nas séries iniciais, conforme investigação através dos questionários e entrevistas percebeu-se a importância do uso de tecnologias na construção de uma formação em perspectiva humana, observou-se percentuais maiores dos professores se utilizam de alguns recursos para ministrar suas aulas, tais como televisão, computador e *data show*. Outro aspecto relevante corresponde ao acesso à internet é um ponto relevante na escola pública em que alguns dos alunos não têm disponível em casa. Desta maneira, somente utilizam tais recursos na escola, para esses educandos a ida à escola é importante para que possam utilizar-se desses recursos, motivando-os a querer e a buscar sempre mais informação que dará base para o conhecimento.

Os sujeitos pesquisados estão em dois contextos educativos, o da escola privada e da escola pública, diferenças nesses contextos que envolvem questões econômicas na aquisição de tecnologias inovadoras, é uma primeira diferença que se apresenta nas questões de infraestruturas dos contextos educativos. E resulta muitas vezes na não possibilidade de incluir novas práticas didáticas no uso das TICS. Contudo o fato de terem mais acesso aos recursos garante uma qualidade social na educação? Se não for trabalhado da maneira correta, de nada adianta se ter mais recursos e melhores verbas, pode-se ver que os professores e alunos buscam e tem vontade, tem uma educação que agrega muita qualidade.

Ao pensar em uma formação humanizadora, percebe-se que a maioria dos professores investigados se preocupam na aproximação da família com a escola, do conhecer a realidade de seu aluno, buscando estratégias para que isto seja possível e para tornar a aula mais desejante e que o aluno tenha prazer e queira aprender o assunto ao qual é proposto. Ainda percebeu-se que o uso das tecnologias é explanado no horário que se tem a vaga para aula de informática, a qual o professor sabe lidar com a tecnologia e aborda essas questões.

Ainda pode se perceber que na **Escola O** as professoras regentes de sala levavam os alunos a informática e solicitam ao professor de informática o que desejam para que ele possa prosseguir com a aula, isso aponta a falta de preparo e o medo de não conseguir lidar com as tecnologias. Algumas vezes as aulas na informática são como forma de subordinação que se a turma fizer o tema, poderá utilizar livremente os computadores, manipulam-se as crianças para que depois tenham recompensas.

Em busca de uma educação humanizadora as escolas públicas juntamente com secretaria de educação buscam cada vez mais cursos de formação e que deem incentivo e estratégias para os professores, direção, coordenação pedagógica e professores formam um grande grupo ao qual deve lutar e buscar a inovação a cada dia. Observou-se que na escola privada há grande interesse na busca por formação continuada para que cada vez mais se implante e incluam os recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem, como possibilidade de novas entradas para práticas pedagógicas inclusão e do reconhecimento do Outro, como um Outro eu, que só poderá constituir-se Ser humano nas interações e nos espaços educativos e a escola é apenas uma dessas possibilidades educativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição X de. **A educação como aprendizagem na vida**. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/13918>. Acesso em: 1 mar. 2020.

ALTOÉ, Anair; FUGIMOTO, Sonia Maria Andreto. **Computador na educação e os desafios educacionais**. 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1919_1044.pdf. Acesso em: 13 maio 2017.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ARAÚJO, Guilherme Rodrigues; BARROS, Camila Martins. Novas Tecnologias: Escola Pública versus Escola Particular. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4. **Anais [...]**. Campina Grande, 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/396607ab3e208ee2f48f5ee78eadbe2d_2436.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ASSMANN, Hugo. **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.

AYRES, Rosane Aparecida Maciel. **Formação ou capacitação do professor?** Uma análise das teorias de ensino-aprendizagem subjacentes à obra teaching and learning english – a course for teachers. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. 2003.

BRIZA, Lucita. Escola particular e pública têm a mesma meta: qualidade. **Nova Escola**, 1 dez. 2004. Disponível em: <https://novaescola>.

org.br/conteudo/986/escola-particular-e-publica-tem-a-mesma-meta-qualidade. Acesso em: 1 mar. 2020.

DANTAS, Aleksandre Saraiva. A formação inicial do professor para o uso das tecnologias de comunicação e informação. **Holos**, v. 21, maio 2005. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/53/57>. Acesso em: 1 mar. 2020.

DEMO, Pedro. Escola pública e escola particular: semelhanças de dois imbróglis educacionais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.15, n.55, p. 181-206, abr./jun. 2007. Disponível em: https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8096/1/ARTIGO_EscolaPublicaEscolaParticular.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

EIDT, Paulino; TEDESCO, Anderson Luiz; REBELATTO, Durlei Maria Bernardon. Fatores socioeconômicos, históricos e culturais da mesorregião Oeste de Santa Catarina na relação com indicadores de desenvolvimento educacional *In*: Nardi, Elton Luiz; SCHNEIDER, Marilda Pasqual. (org.). **Qualidade da educação no ensino fundamental: entre políticas e a (ex) tensão do tema na escola pública**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

FONSECA, Tânia Maria de Moura. **ENSINAR – APRENDER**. Pensando a prática pedagógica. 2008. Disponível em: <http://www.diaa-diaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1782-6.pdf>. Acesso 1 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessário à prática educativa. 1996. Disponível em: <http://educadores.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiатеca/documentos/2016/pdf-pedagogiadautonomia-paulofreire.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNCKES, Rosani Casanova. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 5. **Anais [...]**. Centro Universitário de Tubarão, 2013. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Rosani_Junckes.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIBÂNIO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2011.

MALDONADO, Luciene. **Gestão escolar – para uma práxis transformadora: uma escola pública inovadora EMEF Desembargador Amorim Lima**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6602/2/DIS_LUCIENE_MALDONADO_COMPLETO.pdf. Acesso em: 18 set. 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. reimpr. Belo Horizonte: Humanitas, 2002. Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2016/07/Emo%C3%A7%C3%B5es-e-Linguagem-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-na-Pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

MEDEIROS, Josiane Lopes. Pesquisa qualitativa em educação: breves considerações acerca da metodologia materialismo histórico e dialético. **Revista Sapiência**, Goiânia, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2714>. Acesso em: 1 mar. 2020.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Formação docente e novas tecnologias. *In*: CONGRESSO RIBIE, 4. **Anais [...]**. Brasília, 1998. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

MORAN, José Manuel. Novos desafios na educação – a Internet na educação presencial e virtual. *In*: PORTO, Tânia Maria E. **Saberes e Linguagens de Educação e Comunicação**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2001, p. 19-44. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/novos.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Práticas pedagógicas e uso da tecnologia na escola**. 1. ed. São Paulo: Érica, 2014.

OLIVEIRA, Letícia Paranhos Menna de; HARRES, João Batista Siqueira. O uso do Facebook como Ferramenta para a Construção Coletiva de uma Proposta Pedagógica. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 32, n. 102, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/download/6625/5440>. Acesso em: 1 mar. 2020.

PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. *In*: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (org.). **A formação de professores de línguas: Novos Olhares**. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PINTO, Mário. Liberdades de aprender e de ensinar: escola privada e escola pública. **Análise Social**, v. 28, p. 753-774. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223292532T9vPU-7fa5Px78DP7.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/30353/S1414-32831997000200006.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso de tecnologias em sala de aula. **LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

RÊGO, Eduardo Ernesto do; SERAFIM, Maria Lúcia. A utilização dos aplicativos Google Maps e Google Earth no ensino de geografia: múltiplas possibilidades. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2. **Anais [...]**. 2014. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MDI_SA4_ID1946_08052015200043.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas. 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SEEGGER, Vania; CANES, Suzy Elizabeth; GARCIA, Carlos Alberto Xavier. Estratégias tecnológicas na prática pedagógica. **Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 8, n. 8, p. 1887-1899, ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/6196/3695>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SILVA, Lidia Martins da. **Educação inclusiva e formação de professores**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Tecnológica e Inclusiva). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. Cuiabá, 2009. Disponível em: https://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2010069353641lidia_monografia.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

SILVA, Renildo Franco da; CORREA, Emilce Sena, Novas tecnologias e educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea. **Educação & Linguagem**, v. 1, n. 1, p. 23-35, jun. 2014 Disponível em: <https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2014/12/2Artigo1.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SOUSA, Deborah Lauriane da Silva; CARVALHO, Débora Costa; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. O uso de recursos tecnológicos em sala de aula: relato envolvendo experiências do PIBID do curso de pedagogia da UFPI. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA*, 4. **Anais [...]**. Campina Grande, 2012. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/54229abfcfa5649e-7003b83dd4755294.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

STAHL, Marimar M. Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação. *In: CANDAU, Vera Maria (org.). Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

STRIEDER, Roque; ZIMMERMANN, Rose Laura G. **A educação ainda em processo de construção**. Florianópolis: DIOESC, 2012. 176p.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização: por uma vivência criativa**. Florianópolis: Habitus, 2002. 312p.

STRIEDER, Roque. **Educar para a iniciativa e a solidariedade**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. (Coleção educação).

TEDESCO, Anderson Luiz; REBELATTO, Durlei Maria Bernardon. Acepções ao termo qualidade na educação. **Unoesc & Ciência** –

ACHS, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://unoesc.emnuvens.com.br/achs/article/view/2613>. Acesso em: 1 mar. 2020.

VAILLANT, Denise; MARCELO, Carlos. **Ensinando a ensinar**: as quatro etapas de uma aprendizagem. 1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.

Este livro foi composto em
Vollkorn 10,5 pt pela Editora Bagai.

www.editorabagai.com.br  /editorabagai  /editorabagai

 contato@editorabagai.com.br